

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadores: Cecília de Almeida Costa e Vinicius Barbosa de Campos

Entrevistado: Dona Maria do Socorro de Almeida

São Paulo, 20 de maio de 2025

Realizada presencialmente na Cohab V, Carapicuíba — São Paulo

ENTREVISTA COM DONA MARIA DO SOCORRO DE ALMEIDA

CECÍLIA: Bom, eu queria começar perguntando qual é o nome do lugarzinho...

VINICIUS: Só uma coisa, desculpa, para a gente conseguir juntar as duas coisas depois, eu vou só bater uma palma. A gente consegue juntar áudio e vídeo depois.

CECÍLIA: Mas enfim, o nome do lugarzinho que a senhora nasceu, que eu sempre esqueço.

DONA MARIA: O nome do lugar que eu nasci era Mandacaru. Mandacaru. Que é muito pra lá de Caruaru. Muito pra lá. Acho que uns 300 quilômetros, mais ou menos isso.

CECÍLIA: E Mandacaru era uma vila?

DONA MARIA: Eu acho que era um, eu não sei se vila ou se povoadozinho, só tinha três casas. Era um lugarzinho pequeno.

CECÍLIA: Era o Mandacaru.

DONA MARIA: Era Mandacaru. Só tinha três casas. Só tinha três casas. Era no meio da, eu não sei como é que chama, se é, se é o sertão, que é o lugar mais seco, que não chove. É sertão ou é agreste?

CECÍLIA: Eu não sei também.

VINICIUS: Eu não sei o termo técnico. Mas eu acho que é agreste.

DONA MARIA: Pois então, era no sertão de Pernambuco. Ficava bem muito pra lá de Caruaru, num lugarzinho chamado Mandacaru. A gente morava numa casinha que aqui chama pau e pique, lá nós chamava casa de taipa, que é de barro. Você já viu?

VINICIUS: Já, já.

DONA MARIA: Então tem até aqui.

CECÍLIA: É igual aquela que a gente viu lá no centro de São Sebastião.

DONA MARIA: Daquele jeitinho.

CECÍLIA: É, casinha de barro mesmo. Seu pai que construiu? A casa?

DONA MARIA: Sim. Enorme. Do tamanho disso aqui.

[Risos]

CECÍLIA: E o banheiro era do lado de fora ou não tinha banheiro? — Não tinha banheiro, não.

Não, cada um se virava como podia no meio do mato. [Risos]

CECÍLIA: E a senhora nasceu dentro de casa?

DONA MARIA: Sim. Minha mãe teve 14 filhos, 5 morreu e 9 se criou, que era 6 mulher, 6 mulher e 3 homem.

CECÍLIA: Nove se criaram.

DONA MARIA: Nove se criaram e morreram cinco.

CECÍLIA: Eita. E morreu criança ou morreu adulto?

DONA MARIA: Morreu bebê, novinho, recém-nascido.

CECÍLIA: E nessa casinha que a senhora nasceu, eu lembro que uma vez a senhora me contou que tinha o fogo a lenha, né?

DONA MARIA: Era, fogão a lenha, o ralo que a gente ralava. A gente não, minha irmã mais velha e minha mãe ralava milho para fazer. Quando tinha milho, na época era assim. Era mês de abril, maio, aí tinha milho, minha irmã fazia muito, minha mãe fazia muito bolo de milho. Mas isso já na usina, isso já

no sul, que a gente saindo do sul, a gente saímo do sertão de Pernambuco em 1949.

VINICIUS: A senhora nasceu em...? O ano?

DONA MARIA: 1943.

VINICIUS: 43, então com seis anos vocês começaram a ir para o sul?

DONA MARIA: Foi. Em 1949, não chovia, estava pior do que todos os anos. Nesse ano não teve safra, não teve nada. Aí minha mãe e meu pai resolveram ir para o sul de Pernambuco, que no sul de Pernambuco era lugar bom. Chovia bastante, usina, muita cana de açúcar. Quando a gente tava com fome, que não tinha comida, a gente entrava no canavial e fazia a festa.

[Risos]

CECÍLIA: E aí, a senhora foi para onde? É do sul, era onde?

DONA MARIA: O sul? O sul de Pernambuco é onde fica Porto de Galinha, Tamandaré, fica perto... Ipujuca, lá era o lugar de muita canavial, não tinha esse negócio de plantação de milho e feijão, não. Isso era... O sul era das usinas. Só tinha usina e engenho, cana, cana, só cana de açúcar e muitas usina.

VINICIUS: E vocês, veio sua mãe, seu pai e os nove filhos, todos juntos foram pro sul?

DONA MARIA: Fomos juntos, fomos pro sul. Fiquemos num engenho chamado Aldeia. Aldeia. Era, Aldeia. que ficava pertinho da usina. E pra gente chegar da usina — muitos rios, chovia bastante, tinha água, bastante, muito riacho, a gente não conhecia rio, a gente não sabia o que era rio. Não sabia. Riacho, então, você sabe o que é riacho? Aqui chama, como é?

CECÍLIA: Córrego.

DONA MARIA: Córrego, então, lá era aqueles córregos bonitos, aqueles riachinhos de água limpa, menino, que a gente... Era uma festa!

[Risos]

CECÍLIA: Tomava água.

DONA MARIA: Bebia aquela água, não sabia nem se podia, se não podia. Tomava banho, era gostoso. Tinha muita cana, tinha uns matinhos chamados araçá. Você conhece a frutinha araçá?

VINICIUS: Não conheço.

DONA MARIA: É como se fosse goiaba, só que branquinha. Tem goiaba branca e tem goiaba vermelha, né? E o araçá era branquinho. Então, quando a gente estava com fome, que não tinha comida dentro de casa, a gente corria para o mato pegar araçá.

VINICIUS: E essa coisa do riacho em Mandacaru? Não tinha? Água era uma questão?

DONA MARIA: Meu Deus do céu, água só chovia, eu não sei quando chovia, só sei que não tinha água, não tinha riacho, não tinha rio, só tinha rio em Caruaru. Mas eram uns 300 quilômetros da nossa casa para Caruaru.

CECÍLIA: E aí, para tomar água, você fazia como?

DONA MARIA: Para tomar água, quando chovia, meu pai tinha aqueles barreiros, cavava aqueles barreiros, aqui eu não sei como é que chama, cavava um barreiro grande, um buraco bem grande, no chão, quando chovia, a água que descia escorria tudo para aqueles barreiro e ali a gente bebia.

VINICIUS: Como se fosse um poço.

DONA MARIA: Só que grande, o tamanho dessa casa.

VINICIUS: Nossa! Era um buracão.

DONA MARIA: Todo mundo, ainda hoje é assim, porque lá não chove. Todo mundo tem que guardar. Agora não, agora Lula, no primeiro governo dele, ele fez muitas cisternas, Sim, então melhorou muito, muito, muito para aquele povo. Mas em 1940, 1949, até 1949 não tinha. A gente ficava assim.

CECÍLIA: E aí quando vocês foram para o sul, ficaram morando do lado da usina, a senhora lembra o nome da cidade que é?

DONA MARIA: Era o Engenho, Engenho Aldeia. Chamava Aldeia. Ficava, como daqui? Acho que como daqui na estação de Quitáuna.

CECÍLIA: Pertinho.

DONA MARIA: Pertinho da nossa casa para a usina. No meio tinha um rio. Tinha o rio Sirinhaém.

Uma ponte linda que passava os trem. A gente adorava ver o trem. Adorava. Nunca tinha visto. Aí passava o trem cargueiro apitando. *Piuí, piuí*. A gente corria para a beira da linha para ver o trem. Era eu. Os mais velhos já trabalhavam. Mas eu tinha seis anos. Eram meus irmãos. Eu, Santa, Beijo e Joca, a gente ainda era moleque, não trabalhava ainda não. A gente corria para a beira da linha para ver o cargueiro — Lá vem o cargueiro, lá vem o cargueiro! Aí a gente ia apitando. E naquela época, os trens não eram com hoje, hoje é óleo, não sei como é que é, gasolina.

CECÍLIA: É eletricidade até.

DONA MARIA: Naquele tempo não, era fogo. Era carvão. Aí tinha um funcionário... Era lenha.

VINICIUS: Só a fumaceira.

DONA MARIA: Era só a fumaceira. E aquele chaminé bem grande na máquina, né? Tinha a máquina e tinha os vagão. Hoje, hoje ainda tem esses vagão. Como é, que a gente vai pra Caraguá? Tem uma linha de trem que eu já vi passando o trem ali, o trem de carga.

CECÍLIA: Tem. Mas o trem de carga hoje em dia faz distâncias muito menores, acho. É muito pra levar daqui e ali.

DONA MARIA: Ah, é?

CECÍLIA: É. Pelo Brasil, é mais rodovia que a gente usa hoje.

DONA MARIA: Mas naquele tempo era no trem, né?

VINICIUS: No finalzinho dos anos 40, é isso.

DONA MARIA: É.

VINICIUS: E você comentou que vocês iam ver o trem, assim, que outras coisas que vocês, as crianças, os que ainda não trabalhavam, faziam?

DONA MARIA: A gente ficava vendo o trem, achava lindo, meu Deus, como era bonito. Então a gente ia para o canavial, cortava a cana, chupava a cana com o dente. E descascava com o dente.

VINICIUS: Ali mesmo?

DONA MARIA: Ali mesmo. Cortava a cana e descascava a cana com o dente. Era muito gostoso. Se a gente estava com calor, era só entrar nos riacho. Ô, lugar que chovia. Era um lugar de fartura. Tinha muita fartura. Eu não sei se é porque onde a gente morava não tinha nada. Olha, Vinicius, era de um jeito que eu, meu irmão, meu irmão Beijo e Joca, eram nós quatro. Eu, Beijo e Joca e Santa, a gente era os menores. O Beijo, o nome dele era Benjamin. É que a gente chamava de Beijo. Então a gente ficava admirado quando via água. Vamos tomar banho, vamos tomar banho! Eu ia e tomava banho. Era muito gostoso. Aí depois eu comecei a trabalhar, né?

CECÍLIA: Quantos anos?

DONA MARIA: Já comecei a trabalhar no fim de 59 mesmo. Já comecei a trabalhar, eu e Santa.

CECÍLIA: Em 59?

DONA MARIA: Sim, não, em 49.

VINICIUS: No ano que você chegou lá.

DONA MARIA: No ano que a gente chegou, eu não tinha nem sete anos. A gente trabalhava, tinha aqueles povos, aqueles moços que cortavam. Cavava o sulco. Sabe o que é cavar sulco? Fazer aquela valeta e a gente sameava as cana. E a gente saía com os pedaços. Abria um buraco, só que grande. Era aquele homem forte. A gente chamava os cavador de sulco. Lá na época. Chamava cavador de suco. E as crianças, tudo criança menor. Tudo de seis anos a nove.

VINICIUS: Criança mesmo.

DONA MARIA: Criança mesmo! E a cana não tem aquela parte de pelo? Pra chegar nas folhas, né? E ali a gente chamava de bandeira. E os pedaços eram pedaços desse tamanho, chamava de reboło. Pegava os rebolos de cana, a gente enxergava assim, ó, ponhava assim. Oi, tá filmando, né?

CECÍLIA: É, pode deixar.

DONA MARIA: A gente pegava assim, ó, enchia a mão e o cabo falava, pega mais! Sai, menina preguiçosa! E empurrava a gente com o encarregado, que era cabo. A gente chamava cabo. O cabo. Era seu Inácio. Ai, menina preguiçosa! Eu tinha tanto medo de chuva.

CECÍLIA: Medo de chuva?

DONA MARIA: Eu não sabia que chovia de dia. Nem eu, nem meus irmãos. No lugar que a gente morava não chovia. Então quando a gente viu aquela chuva, o céu coberto de nuvem e chovendo e a gente se molhando, pra mim era o mundo acabando. Morria de medo.

VINICIUS Nunca tinha visto, né?

DONA MARIA: Nunca tinha visto. Tinha muito medo, não sabia. Nenhum da gente, só os maiores. Mas nós quatro menores não sabia que chovia de dia. A gente pensava que só chovia de noite. Porque tinha quando chovia. Aí minha mãe falava assim, lá quando a gente ainda tava no sertão. Quando tinha uma nuvem assim, a minha mãe falava assim, vamos dormir, põe as panelas nas goteiras. Aí punhava a panela para juntar água, água que caía do telhado. Não estava pronto aí para nós. Só era de noite. Amanhecia o dia o céu estava limpo e as panelas tudo cheias de água, aí a gente pensou que só chovia de noite. E nisso, quando a gente chega em Cucaú. O nome da usina era Cucaú, e a gente morava no Engenho Aldeia. Quando a gente chegemo em Cucaú, que a gente viu aquela fartura de água, não precisava de pôr na goteira, panela, nem nada. Era água. Minha mãe tinha uns potes grandes, chamava jarra de barro, junta. Ia buscar, tinha olho, era olho d'água que aqui chama mina. Sim, aqueles olhinhos d'água. Aquela água limpa que saía da terra. Saía do meio das serras. Embaixo, aquela serra muito bonita, aqueles canavial, embaixo tinha aqueles olhos d'água. Aí papai cavava, os outros moradores também. Aí ficava aquela cacimba, ficava, chamava de cacimba. Ficava aquela água, aquela água era como se fosse filtrada. Era uma água limpa.

CECÍLIA Era filtrada. A terra filtra.

DONA MARIA: Pois pronto. Era limpa mesmo. A gente bebia água. Era uma vida boa. Para nós era ótima. Era muito legal.

CECÍLIA: Eu acho que eu lembro uma vez a senhora comentando que vocês semeavam a cana. Só as crianças.

DONA MARIA: Então, a gente... Só as crianças saiam com as canas soltando no sulco. E atrás da gente vinha outra pessoa cobrindo. Fechava. Era assim... A gente vinha ponhando a cana, atrás de mim ainda tinha uma pessoa com adubo de madeira, uns caixotinhos de madeira.

CECÍLIA: Que é um monte de bosta, não é?

DONA MARIA: O adubo? Era não, era adubo eu não sei o que era.

VINICIUS: Era adubo químico, será?

DONA MARIA: Era. Era químico, sim. Aí com uma canequinha dessas que nós pegamos açúcar, aí eles jogavam na cana e a outra pessoa ia atrás e cobria, com a enxada cobria.

VINICIUS: Entendi. E a colheita?

DONA MARIA: Ah, só quando a cana estava grande era que cortava, os cortador de cana.

VINICIUS: Mas você não participava?

DONA MARIA: Não, eu não cortava a cana, eu limpava. Depois que a cana estava grande, quando a cana já começava a nascer, para não, com a inchada, não cortar os, como é que chama? Os broto. Então, quando a cana já estava desse tamanho, aí a gente ia limpar. Aí chamava conta. Era cem braça. Sabe o que é uma braça?

CECÍLIA e VINICIUS: Não.

DONA MARIA: Uma braça tem um metro e oitenta e dois. Era dez braças. A gente ficava nas contas, limpando. Aí eu já estava maiorzinha, já tinha uns oito, nove anos, limpava com meu pai. Era meu pai e as minhas outras irmãs.

CECÍLIA: E como que limpava? Com enxada?

DONA MARIA: Com enxada. Era com enxada, descalço.

CECÍLIA: E a mão, né?

DONA MARIA: A mão da gente era como se fosse cimento. Era demais.

VINICIUS: E seu pai também trabalhava com vocês?

DONA MARIA: Tadinho, meu pai trabalhava demais. Ele era quem mais trabalhava. Esse aqui, ele,

maguinho, miudinho, mas uma pessoa de ouro. Era assim, a vida da gente era assim. Mas era legal.

CECÍLIA: Sua mãe ficava em casa, avó?

DONA MARIA: Minha mãe, tempo, ela ficava em casa e ela costurava. Quando não tinha costura, ela ia também trabalhar no engenho. Sempre que dava, sempre que teve. Ela só não trabalhava quando era época de São João, época do Natal, que tinha muita costura. Mas passou essa época, ela ia também para a roça.

CECÍLIA: E assim ela aprendeu a costurar com ela?

DONA MARIA: Aprendi com ela. O pouco que sei foi com ela.

CECÍLIA: O pouco...

DONA MARIA: Ela era uma costureira fina, minha mãe. Era assim. Aí depois, casou minha irmã Maria Helena, casou em 1953. Casou Maria Helena. Ela era menor.

CECÍLIA: Tinha quantos anos ela?

DONA MARIA: Acho que ela tinha 15, o marido dela tinha 32.

CECÍLIA: E era normal?

DONA MARIA: Normal, meu Deus.

CECÍLIA: Era até bom?

DONA MARIA: Era até bom. Aí casou Maria Helena. Um ano depois casou Bebê. Pronto. Dois anos depois, casou a Ná, que você conheceu, né?

CECÍLIA: Sim.

DONA MARIA: E a outra que morreu, que a gente chamava Nena.

CECÍLIA: Ah, Nena. Finada da Nena.

DONA MARIA: É, aí só ficou eu e Santa. De solteira.

VINICIUS: Que eram as mais novinhas.

DONA MARIA: É, as mais novinhas. Olha, e Joca, quando começou a trabalhar, a gente era tão pequeno, tão criança. Então, como o Joca ainda era muito pequeno pra trabalhar no... Semear cana, a gente chamava semear cana, ou adubo, eles iam pasturar boi. Aqueles bois mais velhos que não dava pra puxar carroça nem puxar arado. Eles iam pasturar os bois, levavam de um engenho para outro lugar. E meus dois irmãos iam. Os dois pequenos, Beijo e Joca. Acho que o Joca era mais novo do que eu. O Joca podia ter uns seis anos. E na época eu acho que eu já tinha oito. E Joca tinha seis. E Beijo tinha sete. Eles se perderam, os bois chegou primeiro no engenho e eles se perderam no meio da mata. Aí minha mãe e o administrador do engenho, foi bastante gente procurar e depois eles dois apareceram do meio da mata.

CECÍLIA: Que besta. Mas ficaram quanto tempo sumido?

DONA MARIA: Não, só umas horas. Só um susto. Ele atravessava uma mata. Os bois atravessaram, que já era acostumado, o boi velho, o de arado.

CECÍLIA: Os bois sabiam mais do que eles.

DONA MARIA: Você sabe o que é arado? Sabe o que é arado?

CECÍLIA: Não, não sei.

DONA MARIA: Porque vocês não assistem o Globo Repórter. É tão bonito.

CECÍLIA: O que é o arado?

DONA MARIA: Arado é uma coisa que cava mato. Que abre o sulco.

CECÍLIA: Ah, tá. Sei, sei, sei.

DONA MARIA: Quando tiraram esse cortador desse que abriu o sulco, aí fizeram o arado. E o arado era puxado com seis bois. Era grande. O arado? Era grande. Era uma maquina, né? Era um arado. E tinha a pessoa que segurava. Tinha uma pessoa para Tanger os bois que chamava o carreiro. e um menino com uma varinha puxando os bois na frente, puxando os bois, fazia aquela companhia. Aí eu passei, semeava cana também no arado. A vida da gente foi assim.

CECÍLIA: E antes de começar a trabalhar, a senhora ia para a escola?

DONA MARIA: Antes de começar a trabalhar, ia.

CECÍLIA: Lá no Madacaru?

DONA MARIA: Lá no Madacaru.

CECÍLIA: E era longe?

DONA MARIA: Longe. Na casa da minha avó. Aí a minha avó só não era mais ruim porque não podia. Brava... Ela não sei o que de índio. Brava, ruim, gritava com a gente e ela preconceituosa que era só ela mesmo as crianças bonitas e brancas e que tinha mais dinheiro não apanhava não se errasse na lição não apanhava, agora é eu Tita, minha prima e era bolo, naquele tempo era palmatório vocês já viram falar?

CECÍLIA e VINICIUS: Já

DONA MARIA: Então, a gente apanhava com aquilo quando a gente errava.

CECÍLIA: Essa é a professora.

DONA MARIA: Era a professora que batia. Minha avó era a professora.

CECÍLIA: Ah, tá.

VINICIUS: Ela chegou a dar aula pra vocês.

DONA MARIA: Chegou.

VINICIUS: E elas eram turmas ou ela dava aula pra todas as crianças?

DONA MARIA: Não, dava aula pra todas as crianças. Era misturado. Quem sabia muito, quem não sabia, quem já... era misturado.

CECÍLIA: A escola era como se você chegasse numa sala só e tinha aula de tudo.

DONA MARIA: Era de tudo.

VINICIUS: E você falou que tinham essas três casas onde você morava e aí você tinha que andar um bocado pra chegar na casa da sua avó.

DONA MARIA: Na casa da minha avó. A gente morava no Mandacaru, né? E a minha avó morava em outro povoadozinho chamado Ramada.

VINICIUS: E a escola era na casa dela?

DONA MARIA: Era na casa da minha avó. Era uma casa maior, era feita de barro também. Só que era grande, era coberta de telha. E a nossa casa não era de telha, era coberta de palha.

VINICIUS: E ela era malvada.

DONA MARIA: Ixi! Minha avó era uma onça. A gente não gostava dela. Tinha tanta raiva dela. Tinha uma raiva. A gente chamava ela de Mãe Nana. Era ruim, meu Deus do céu, quando ela chegava. A gente tem que abrir a mão. Era Pá! Aí um dia ela perguntou, mandou eu assuletrar. Toda sexta-feira tinha uma aula chamada argumento. E pronto, aí ela juntava os alunos todos. Olha, os que já sabiam bastante, que naquela época chamavam os que eram de segunda, terceira, quarta série, junto com a gente que estava estudando. Nem a primeira não era, que não tinha. Meu Deus do céu, uma cartilha. Chamava ABC, chamava cartilha. Vocês já chegaram a ouvir falar?

CECÍLIA: Já ouvi falar.

DONA MARIA: Então, a minha avó mandou assuletrar “caminhãozinho”. E eu não acertei. Eu não acertei assuletrar caminhãozinho. Aí ela perguntou ao menino que, olha, mais velho do que eu e sabia muito. Ele acertou. Ela falou, você não acertou, bolo nela. Aí ele com dó.

CECÍLIA: Ela mandou ele bater em você?

DONA MARIA: Aquela pessoa que acertava, batia em quem não acertava. Era assim. Se ela perguntasse um número. Cinco vezes oito, nove vezes nove. Se a gente não acertasse, ela perguntava a outro. O outro acertava, você acertou, então você bate naquele que não acertou. Era assim

VINICIUS: É para não gostar da escola mesmo. Quem vai gostar?

DONA MARIA: Pois é. Aí eu não acertei soletrar caminhãozinho e esse menino era José. Aí ele, assoletre”. Aí ele assoletrou caminhãozinho certinho. Também ele já estava bem adiantado. Acho que ele era quarta, sério, era quinta. Aí ela falou, então bate nele, tinha a palmatória. Aí ele, com dó, foi dar

um bolo bem pequenininho. Não é assim, não! Ela pegou a palmatoria e quando foi pegar na minha mão, eu fechei com medo.

CECÍLIA: Uuuu!

DONA MARIA: E já bateu tudo, inchou meus dedo. Eu cheguei em casa amaldiçoando minha avó. Falei, não vou mais para a escola, não. Eu não gosto de Mãe Nana. Eu queria que a Mãe Nana morresse. Eu queria que Mãe Nana morresse, minha mãe: Quem me fale isso da minha mãe? Meu pai também falou, o que se passa na escola, é pra ficar na escola. A gente tinha que ir, né?

VINICIUS: Mãe da sua mãe?

DONA MARIA: Era mãe da minha mãe. O nome dela era Ana Pedrosa. Ana Pedrosa.

CECÍLIA: Ana Pedrosa, eu já ouvi esse nome.

VINICIUS: É o nome que na família é...

[Risos]

DONA MARIA: Ana Pedrosa. Olha, era assim, gente. Era legal.

CECÍLIA: E a senhora parou de ir pra escola porque saiu do Mandacaru?

DONA MARIA: A gente saiu do Mandacaru e veio pra Usina.

VINICIUS: Aí não tinha escola?

DONA MARIA: Não tinha não. No engenho não tinha escola, para ninguém, nem para os mais ou menos. Bom os que podia mais ia estudar na usina. Na usina tinha, porque a usina tinha aquela ruazinha, tinha cinema, tinha armazém, que hoje não tem, hoje é supermercado, mas naquela época era venda, armazém, quitanda, já tinha essas coisas, buodega, que aqui chama casa... bar. É bodega. Tinha armazém. Na usina tinha tudo isso. Mas a gente não frequentava a escola da usina. Nós trabalhávamos. Então, frequentava a escola da usina quem podia.

VINICIUS: Quem não precisava trabalhar.

DONA MARIA: A gente trabalhava e não estudava, não. Aí a gente saiu, ficamos três anos, mais ou menos, em aldeia. E depois a gente mudou para um engenho chamado Burarema.

CECÍLIA: Ah! Burarema, você já falou de Burarema

DONA MARIA: É, Burarema, que eu falo muito em Burarema. Aí em Burarema eu já tava com um 11 anos, 11, 12, por aí. Aí já estava grandinha, estava esperta, era legal, já fazia muito tempo que a gente estava lá, né? No sul. Aí a gente já tinha mudado mais, o papai ganhava. Todo mundo trabalhava, então ele fazia feira, tinha comida, não precisava mais nós chupa cana com o dente. Era gostoso também.

VINICIUS: Às vezes, às vezes, não tinha o que comer?

DONA MARIA: Quando a gente chegemo aldeia, lá em no Mandacaru, não tinha não. A gente viemo comer direito quando a gente mudemo para o sul. Mas mesmo no sul, a gente ainda passava muitos pecado.

CECÍLIA: Comia farinha.

DONA MARIA: Farinha com açúcar. E quando não tinha açúcar, era farinha com sal. E se não tinha sal, era nada. Mas sal nunca falta, porque sal toda vida foi barato, né? Sempre tinha. E quando a gente não tinha açúcar, a gente ia trabalhar. Saía de casa quatro horas, levantava quatro horas da manhã, saía de casa e só chegava cinco, cinco e meia da tarde.

CECÍLIA: Com umas moedinha.

DONA MARIA: Não, só recebia no sábado, era todo sábado tinha pagamento. Mas a gente não viu a cor do dinheiro não, era nosso pai que recebia. A gente não sabia nem que cor era, quanto que era, sabia que tinha.

CECÍLIA: Que tinha...

VINICIUS: Que ganhava alguma coisa.

DONA MARIA: Ganhava alguma coisa, era de segunda a sábado. Era segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado. Só o domingo, os feriados que nós não trabalhava. Mas, mesmo assim, a gente era mais feliz do que lá ... do que lá no sertão.

CECÍLIA: Sim, sim. Porque no sertão não tinha nada de nada.

DONA MARIA: Não tinha nada de nada. Lá, pelo menos, tinha os trens pra gente ver, tinha água bastante pra nós tomar banho, tinha de tudo.

VINICIUS: Tinha cana...

DONA MARIA: Tinha cana... araca. Era gostoso.

CECÍLIA: E aí foi em Burarema que a senhora ficava fazendo traquinagem...

DONA MARIA: Com a minha prima? Não, isso ainda foi em aldeia. Ai mas eu era triste, meu Deus, eu era triste.

CECÍLIA: É, minha senhora...

VINICIUS: A Cecília já me contou uma história que eu achei divertida.

CECÍLIA: Já contei várias traquinagens.

DONA MARIA: Do velho ceguinho?

CECÍLIA: É, como é que era essa do cego?

DONA MARIA: Então, a gente morava numa casa grande lá em aldeia ainda, né? Aqui, faz de conta que aqui era a nossa casa. E ali na frente, naquela escada, vocês viram a escada? Então, como naquela escada tinha um curral, que era das vacas, que dava leite. Quando era de manhã, um vaqueiro ia tirar leite. Isso ainda era em aldeia. E nos dias que eu não ia trabalhar, a casa era grande, tinha quintal grande, meu pai cercou, plantou milho, plantou mandioca, que lá a gente chama de macaxeira, plantou muito. E vizinho nosso, do outro lado da cerca, tinha uma família que era Júlia, e ela morava, Júlia era solteirona, morava com o pai e dois sobrinho, Firmino e Caetano. E o pai dela era cego, era um velhinho cego. Ai Deus do céu me perdoe. E eu e Tita, não era a gente. Não era a gente, não. A gente ficava esperando. Era Manoel o nome dele.

VINICIUS: Tita era?

DONA MARIA: Minha prima. Que também não trabalhava. Nós duas, eram duas capeta. Aí quando o Manoel, ele era cego, tadinho. Aí quando ele saía com a bengalinha dele, que ele ia fazer cocô, aí a gente ficava olhando da beira da cerca. Quando ele abaixava, a gente jogava a pedra.

VINICIUS: Maso era pedrinha ou...?

DONA MARIA: Pedra, quando não era pedra, era torrão barrão, aqueles barros secos, sabe? Pegava aqueles bolão de barro, tadinho do velho, e botava ele aqui.

VINICIUS: Tadinho.

CECÍLIA: E não sabia pra onde olhar.

DONA MARIA: Não sabia pra onde olhar, meu Deus. Aí ele conhecia, ele sabia que a gente não era gente. Aí a gente dava risada. Aí ele conhecia que era nós. Sabia que era a gente. Tadinho. Aí a gente não deixava ele fazer o serviço dele, né? Depois que a gente jogava bastante pedra nele, que ele... Ai, coitado, e esse homem ia se vestindo de pressa. Aí a gente corria dando risada pra casa. Aí quando a gente corria pra casa dando risada. Aí ele, eu acho que ele ia terminar de fazer o serviço dele. Mas a gente era, não era a gente.

CECÍLIA: E ele não contava pro seu pai, né?

DONA MARIA: Contava. Papai brigava, mas a gente não atendia.

CECÍLIA: Não, não adiantava.

DONA MARIA: Não adiantava.

VINICIUS: Você era da pá virada.

DONA MARIA: Era da pá virada. Ele contava. Ele contava pra papai. Contava pra Júlia, a filha dele, que morava com ele. Julia trabalhava. Ele não trabalhava porque ele já era bem velho. E a gente fazia assim, olha só que falta de respeito. Papai brigava, prometia de bater na gente, mas a gente não parava. Era demais.

VINICIUS: Tinha outras dessas traquinagens que vocês faziam? Você lembra de mais alguma?

DONA MARIA: Tinha bastante. A menina tinha uma família crente... Eu já contei essa?

CECÍLIA: Eu gosto dessa. Conta.

DONA MARIA: Tem uma família crente, a menina era Luzinete, era evangélica, uma família evangélica. E mamãe, tia Ita, tia Ita era mãe dessa minha prima Tita. Tia Ita era irmã da minha mãe. Era Julita o nome dela, a gente chamava Ita. Minha mãe ia no rio com tia Ita, juntava aquele montão de roupa e lavava com tia Ita. E lá também, juntava aquelas mulheres, tudo lavando roupa no Rio, o Rio de Sirinhaém, muita água. Era como se fosse o Tietê, só que limpa. Água limpa, limpa mesmo. Aí as mulheradas iam tudo lavar roupa e ir lá. E minha mãe era católica, apostólica e romana mesmo.

[Risos]

DONA MARIA: Daquele jeito.

VINICIUS: Vocês todos eram?

DONA MARIA: A gente tudo era. Tudo era. E a dona Solidade é que era a evangélica.

CECÍLIA: A mãe de Luzinete.

DONA MARIA: A mãe de Luzinete. E ela falando que santo era idolatria. A Nossa Senhora aparecia na idolatria? Não tem, não existe. Nossa Senhora é uma mulher. Nossa Senhora é uma mulher. É mulher como nós. Falando pra minha mãe e tia Rita. Mas minha mãe e tia Rita tinham educação. Se tinha, mas não deu pra mim, mas tinha também. E minha mãe ficou por conta da vida, mas não falou nada para a Dona Solidade, nem minha mãe, nem minha tia. Elas falaram que acreditavam em Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, tudo que é santo. Mas essa evangélica rebatia. Ela estava ali firme que não existia, que era idolatria, que não podia se ajoelhar em imagem de escultura. Era se ajoelhar e pedir as coisas só a Jesus. Quando a mamãe chegou em casa, a mamãe comentou. De noite ela falando, ela e papai conversando e as minhas irmãs mais velha. E eu só estava escutando. Só estava xeretando. E minha mãe falou assim, a dona Solidade falou que Nossa Senhora é uma mulher. E falou que Nossa Senhora não só teve Jesus, não. Ela teve mais filho. Papai falou, isso é uma barbaridade. Meu Deus, que pecado. Tudo ele fazia assim, ó. Meu Deus, que pecado. Meu Deus, que pecado. E eu estou escutando. Aí a minha tia morava pertinho. Era quase parede com parede, né? Aí eu fui ver a porta da cozinha, fui lá e chamei a minha prima. Era a Tita. Aí eu falei assim, Tita, vem, vem, vem. Sabe que a Dona Solidade falou pra mamãe e tia Ita? Que Nossa Senhora era uma mulher. E a Luzinete estava junto. Luzinete era menininha. Da idade da gente mesmo. Aí quando foi no outro dia que a gente falou assim, aí eu falei assim. De noite mesmo pra Tita? Amanhã a gente vai no rio, se a gente ver a Luzinete, a gente vai perguntar para ela quem é Nossa Senhora. Aí fiquemos com isso, você acredita que fiquemos com isso a noite, pensando que nós íamos falar para a Luzinete. Quando foi no outro dia, cedinho, aí a gente foi para o rio. Aí Luzinete estava brincando, era na beira da linha, Luzinete estava brincando. Luzinete, vem cá. Aí nós começamos a conversar e eu falei assim, você conhece Nossa Senhora? Ela falou que Nossa Senhora, Nossa Senhora... Aí ela falou, Nossa Senhora é uma mulher. Eu falei, o quê? Nossa Senhora é uma mulher. Eu falei, então você acha que Nossa Senhora, Mãe de Deus, Mãe de não sei quem, é uma mulher, Luzinete? É. Ah, minha filha, nós descemos a surra na menina.

[Risos]

DONA MARIA: Mas nós, olha gente, se não fosse gente que estava passando assim na linha, eu não sei o que nós tínhamos feito com a menina.

CECÍLIA: Que horror.

DONA MARIA: Batemos muito. Pobrezinha chorando e gritando.

VINICIUS: Judiaram da menina.

DONA MARIA: Judiando da menina. Coitada. Judiando da Luzinete. Falando que Nossa Senhora era uma santa, era a mãe de Deus, ela que fazia isso, ela que ajudava, fazia tudo.

VINICIUS: Bateram em nome de Nossa Senhora.

DONA MARIA: Era... Oxe. Era para defender a Nossa Senhora, batemos de tudo. A pobrezinha ficou machucada.

CECÍLIA: E ela só repetia o que a mãe dela falava.

DONA MARIA: Mas ela falou com a mãe dela. Chegou em casa chorando. As pessoas que acudiram ela, foram levar ela em casa. Ela estava no chão, batendo.

VINICIUS: Separaram vocês?

DONA MARIA: Separou a gente. Deram uns esfregão na minha cabeça. Também na cabeça de Tita. Empurrou a gente, chamou a gente de ruim. Moleca ruim. Falou que a gente era pior que os capetas. A gente foi embora para casa. E ainda com vontade de xingar.

VINICIUS: Não tinha saciado.

DONA MARIA: Não tava, é verdade. Chegamos tudo desconfiada. É, claro.

CECÍLIA: Cadê a bronca?

DONA MARIA: Ficamos tudo quando foi no outro dia. Aí o pai dessa menina contou para o meu pai. E contou para a tia Rita também. Tia Rita, o marido dela tinha ficado no sertão, não tinha vindo não. Era meu tio Júlio. Aí ela contou pra tia Ita, papai foi perguntar pra gente, aí eu falei, é papai, ela falou que Nossa Senhora era uma mulher, ela falou que Nossa Senhora teve só Jesus não, ela falou que Nossa Senhora teve mais filho, falou um monte de coisa. Aí papai falou, brigou com a gente, mas não bateu na gente não. Sabe o que ele falou? Que a gente estava com razão. Porque nós tínhamos batido na menina para defender Nossa Senhora. Nossa Senhora precisava de defesa.

[Risos]

CECÍLIA: Mas o que Nossa Senhora precisava que batesse na menina?

VINICIUS: Tinha que bater no menino de seis anos.

DONA MARIA: Era demais. Fala sério. A gente era assim. Olha, eu e a minha irmã, a gente era terrível. A gente fazia muita coisa. Muita mesmo.

CECÍLIA: E essa foi a mesma época que tinha aquela história também do bebezinho, o fantasma que chorava.

DONA MARIA: Sim! Essa ainda foi no sertão. Eu estava com Santa, minha irmã.

VINICIUS: Como que é? É fantasma?

DONA MARIA: É. Foi assim. A minha mãe costurava. E ela mandou a gente ir na casa da minha avó. Eu e santa, minha irmã.

CECÍLIA: Lá em Mandacaru?

DONA MARIA: Lá em Mandacaru. A gente morava em Mandacaru. E minha avó morava num lugarzinho chamado Ramada. É. Que eu acho que foi. Era mais ou menos como daqui no Largo de Osasco. Muito longe de Itaipé. Muito longe. Mas lá não tinha perigo, não. Não tinha perigo, não. Passava em umas fazendas, em umas fazendas de gado. Mas era tudo cercado, arame farpado. Não tinha medo.

CECÍLIA: Era só estrada, não tinha nada?

DONA MARIA: Era caminhozinho. Caminhozinho. Sim, trilhazinha no meio do mato, né? Aí a gente foi. Mãe, falou, Socorro, vai você e Santa. Vai na casa de mãe pegar uns retalhos que minha vó também costurava, pegar uns retalhos, que eu vou fazer uma coberta e assim ela fazia umas coberta assim. Aí a gente foi. Quando a gente chegou mais ou menos antes do meio do caminho, a gente passava no pé de imbu. Você conhece imbu? Aquela frutinha verde que tem suco, bastante suco. Aí tinha um pé de imbu que a gente chamava pé de imbu de Pai Bezerra. Pai Bezerra era nosso avô, marido de Mãe Nana. Aí quando a gente ia chegando embaixo do pé de imbu para nós, falei, Santa, vamos pegar imbu? E eu que dava as ordens. Era eu que dava as ordens. Olha, era eu que dava as ordens. Santa, vamos pegar imbu? Aí, vamos não. Vamos buscar os retalhos. Depois a gente volta para casa e pega imbu. Não, vamos pegar agora, para nós ir chupando. Aí Santa falou, então vamos. E lá no sertão, no mato, tem um mato melabode. É como se fosse boldo. Conhece boldo? Então, só que ele era assim meio aveludado e tem uma pasta amarela que a folha fica com aquele pó, como se fosse um pó, amarelo, que quando a gente entrava, aquele pó pegava na gente. E quando as cabras entravam para comer, pegava tanto nas cabras que o nome do mato era melabode, que deixava as cabras todas amarelas, meladas. Aí quando a gente

entrou no pé de imbu, aí nós escutamos um chorinho. Ui, ui, ui. Aí eu falei, Santa que tem um menininho, vamos procurar. Aí a gente procurava, fazia assim no mato, olha. Se a gente procurava aqui, o menino chorava aí. A gente procuremo, procuremo, foi muito, e o menino chorando, chorando, chorando, não parava de chorar. Aí já era tarde, a gente foi embora. A santa falou, vamos embora, vamos buscar os detalhes, de volta nós pega, nós vemos o menininho. Aí nós falamos, onde é que você está? Mas era um choro de recém-nascido. Choro de recém-nascido. Choro alto, né? Sim, choro de recém-nascido.

VINICIUS: Choro alto, né?

DONA MARIA: Não era muito alto, não, era de bebê recém-nascido. É bem fraquinho. Tinha hora que ele fazia assim. Hum hum hum... Bebezinho, né? A gente procuremo, procuremo. Procuramos tudo em volta do pé de imbu e não achamos. A gente foi embora e o menininho continuou chorando. A gente se encobriu, foi pra casa de manhã, pegamos os retalhos. Quando foi mais ou menos umas quatro e meia, cinco horas da tarde, a gente já estava de volta. Vamos passar no pé de imbu pra gente ver se o menininho ainda tá lá? Santa falou, vamos. Quando a gente chegou embaixo do pé de imbu, ele começou a chorar. E chorava, chorava, chorava. A gente procurando, procurando. Tanto, tanto. E não achamo. Aí mamãe. Sabia que já estava tarde. Mamãe começou a gritar. Santa, Socorro. Santa. Elas foram encontrar a gente. Que era uma trilhada só. Aí a gente escutou a mamãe chamando. A gente foi embora correndo. Vamos deixar, Santa. Amanhã a gente vê o menininho. Vem, vem. Aí pronto, a gente foi embora. Aí o menininho falou de chorar. Quando foi de noite, aí eu estava. A casa tinha três quartos. Essa casa. A gente já tinha saído daquela casa pequeninha. E tava numa casa maior, porque o menor já tinha crescido um pouquinho, né? Tava numa casa maior, mas no Mandacaru também. Essa casa maior que nós morávamos era do meu tio, meu tio Mestre, que era uma pessoa de ouro. Como a gente já estava meio grande, papai trocou de casa. Meu tio foi para a casa da gente, que era a casa pequena, e ele morava sozinho. E a gente foi para a casa dele, que tinha três quartos. Vocês trocaram? Trocamos. Aí num quarto dormia eu, Santa e Nena. E no outro quarto dormia Bebé. Maria Helena e Ná. E mamãe e papai dormiam no quarto da frente e os meninos dormiam na sala, em rede. Beijo, Joca e Mané Joaquim. Aí eu estava falando para ela, Nena, Nena era a mais velha da gente. Falei, Nena, quando a gente foi para casa de manhã, quando a gente chegou no pé de imbu do vizinho, tinha um menininho chorando. A gente procurou. E o papai estava escutando. Dessa vez foi ele que estava de botuca ligada. Quando a gente chegemo de baixo do pé de burro, tinha um menininho, a gente foi, que é que vocês foram ver no pé de burro, que vocês forem embora direto? A menina falou, não, que a gente estava com fome e nós queríamos imbu. Tudo bem. E o que vocês viram? Um menininho chorando, Nena. O menininho chorava tanto e a gente procuremo tanto, balançava o mato, a gente ficava tudo cheio do melabode e o menininho não parava de chorar. A gente procuremo, foi muito, e não achamos o menino. E papai escutando. A gente contou tudo, aí a Nena falou, que pena, que pena, o que será que é? Eu digo, eu não sei não, mas amanhã a gente vai procurar ele de novo. Se nós acharmos, pode trazer ele pra casa? Aí ela falou, não sei não, não sei não. Aí papai ouviu. Aí papai chegou, bateu na porta do nosso quarto e falou, o que foi que vocês viram no pé de imbu de Cumpadre Bezerra? Pai Bezerra, ele chamava Pai Bezerra. Pai Bezerra era padrinho de uma das minhas irmãs. Aí eu contei, papai, quando a gente chegou no pé de imbu, papai, tinha um menininho chorando, ele chorava tanto, chorava tanto. Aí a gente procuremo, procuremo tudo e não achava. Aí ele falou, então amanhã cedo vocês vão lá. Se essa criança chorar, você chega bem perto onde está o choro. Se ele chorar, você fala assim: Ô neném, por que você está chorando? Você não é batizado? Se você não for batizado, eu vou te batizar. Se você for menino, o teu nome é José. E se você for uma menininha, o teu nome é Maria. Papai falando pra gente. Aí você faz o nome do pai, o sinal da cruz, e fala assim, em nome de Jesus tu estás batizado. Eu te batizo em nome de Jesus. Tá bom, socorro? Ele sabia que eu era bem danada, esperta, eu era uma coisa. Quando foi, oxente, quando amanheceu o dia, eu falei, Santa, Santa, corre, vamos batizar o menininho. Levanta. Vamos batizar o menininho. Aí santa levantou, ó. E lavar o rosto? Escovar dente? Eu não sabia nem o que era escova.

CECÍLIA: Não sabia, né?

DONA MARIA: Não. Amanheceu o dia, a gente pegava um pouquinho de água. Pronto, escovou Não tinha escova, a gente não sabia. Se tinha escova, se não tinha, a gente não sabia Até tinha, né? Aí a gente foi, quando a gente chegou embaixo do pé de bumbum, o menininho começou a chorar. E chorava, e chorava, e eu ficava toda, olha, agora eu estava me sentindo, acho que um padre.

[Risos]

DONA MARIA: Aí eu cheguei e falei, por que você está chorando, neném? Aí ele fez assim, ó. Hã? Hã? Hã? Aquele chorinho mesmo de bebê recém-nascido. Falei, eu vou te batizar. Se você for um menino, o seu nome é José. E se for uma menininha, o teu nome é Maria. E em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eu te batizo. Tu estás batizado. Eu e Santa rezemos o Pai Nosso com a Ave Maria. Pronto. Na hora, Cecília, mais Vinícius, na hora, na hora ele parou de chorar. A gente saiu toda contente. Ixi, parece que eu tinha ganhado um troféu. Fomos para casa, chegamos em casa, mamãe, nós batizamos o menininho! Ele estava lá, nós chegamos, ele começou a chorar, a gente fez tudo que o papai mandou. O papai ficou super tranquilo. Então, a gente, outro dia, nós passávamos, todo mundo passava, e a gente não vimo mais nada. Quando foi no ano 2000, isso, olha, isso foi a gente em 40... Nós ainda estávamos no Mandacaru, ainda não estávamos. A gente foi em 49. Sim, mais ou menos, comecinho de 49, por aí, isso foi. Quando foi em 2000, eu fui para lá, para Pernambuco, e fui na casa da minha tia. Bem perto já desse pé de imbu. Aí eu contei pra ela. Ela morava na cidade. Ela morava na cidadezinha. Nazaro. Era uma cidade chamada Nazaro. Eu contei pra Tia Pequena. A gente já tava aqui. Já estava aqui nessa casa. No ano 2000. Faz 25 anos. Aí a gente foi conversar. Eu contando pra Tia Pequena. Ela falou. Foi um vizinho de papai. Um vizinho do pai dela, meu avô. Eles eram muito pobres e não tinha dinheiro para enterrar esse menininho que nasceu. Aí enterraram ele embaixo do pé de burro de papai. Ele nasceu e morreu logo em seguida. E como os pais eram pobres de jovem, só tinha gente pobre demais. Era muito pobre. Aí enterraram ele embaixo do pé de burro. Eles não tinham dinheiro para levar no cemitério. Na cidadezinha Nazaro, tinha um cemitério. Aí ela falou que como ele morreu sem batizar, aí a gente batizou. Agora, na minha crença hoje, eu não acredito, mas aconteceu. Aconteceu. Aí a tia pequena falou assim. Ela até falou o nome da família, é que eu não lembro. Aí eu penso, eu que penso, que quando eu morrer, quando tudo terminar, a gente vai ver essa criança. Porque realmente ele foi batizado. Porque foi no nome do pai, no nome do filho, no nome do Espírito Santo. E na inocência da gente, eu e Santa, na nossa inocência, a gente batizemo ali aquela criança. E tanto prova que ele parou de chorar.

VINICIUS: Sim, sim. A Santa é viva? Ela também lembra da história?

DONA MARIA: Lembra! Nós comentamos aqui.

CECÍLIA: A tia Santa veio para cá que ano?

DONA MARIA: 2019.

VINICIUS: Até então, ela morava onde?

DONA MARIA: Não. Agora? Agora ela mora em Olinda. Agora ela mora em Olinda. Agora ela é mais velha do que eu. A gente tudo cresceu, casou e cada um foi pra um lado.

VINICIUS: Entendi.

CECÍLIA: Tia Santa é viúva já hoje em dia?

DONA MARIA: Não. Ah, o marido tá vivo. Marido dela é vivo.

VINICIUS: E eu fico olhando aqui, só pra avisar, pra ver se tá tudo certo. Só por isso que eu venho aqui olhar.

DONA MARIA: Quer dizer que tá saindo a minha cara aí? Santo Deus.

CECÍLIA: Mas tá tudo bem. O que é isso?

DONA MARIA: É o homem vendendo cocada. Cocada e um doce chamado quebra-queixo.

CECÍLIA: Ah, sei.

DONA MARIA: Aí depois que ele entrar, eu vou contar do seu Ioiô.

CECÍLIA: Isso, eu ia falar dessa, do seu Ioiô.

VINICIUS: Querem aproveitar só que tá com esse barulhão, pra não atrapalhar tomar uma água, tudo isso.

CECÍLIA: Quer tomar água?

DONA MARIA: Quero não.

CECÍLIA: Tem o seu Ioiô que eu quero escutar. E não dava medo isso, por exemplo? O menininho chorando, você não tinha medo?

DONA MARIA: Não, eu não tinha medo de nada na vida.

CECÍLIA: Só de cobra?

DONA MARIA: Também não.

CECÍLIA: Também não, matava?

DONA MARIA: Tenho hoje. Hoje tenho, cobra e largata. Mas na época, olha, e como lá era muito seco, tem muita pedra. É que você foi do Recife. Mas do Recife pra lá, tem muita pedra. É sertão, é agreste. É mato seco, é aqueles...

VINICIUS: Lá em Mandacaru, isso que você estava falando?

DONA MARIA: Sim, em Mandacaru. De Recife para cima. Aí tinha muita pedra mesmo e tinha muita cascavel, muita cobra, cobra venenosa, u ma cobra chamada 24 horas. Não sei se você já viu nas revistas ou na televisão aquelas cobras que tem. Elas são tão divididinhas, tem preta e vermelha. Já viu?

VINICIUS: Ah, é a coral.

DONA MARIA: Isso, coral mesmo. Lá tem a coral e tem 24 horas. Então tinha muita dessas cobras. Mas mãe ensinava uma rezinha pra gente, a gente tirava de letra. Quando via as cobras, as cobras corriam da gente.

CECÍLIA: Você rezava e a cobra corria?

DONA MARIA: Rezava e passava, olha.

VINICIUS: Você lembra como que era a reza?

DONA MARIA: Lembro! Era: São Bento com água benta, Jesus Cristo no altar, todos os bichos peçonhentos, arreda, deixa eu passar. Era assim a nossa rezinha. Pronto, aí, meu filho, a gente pisava firme, fazia as traquinhas da gente de todo jeito.

CECÍLIA: Até hoje eu ouço a senhora falar às vezes, opa, São Bento com água benta.

DONA MARIA: É, São Bento com água benta. Minha mãe ensinava tudo, até para nós tomar banho, ela ensinava. Quando a gente ia tomar banho nos barreiros, acho que uma vez por semana.

[Risos]

DONA MARIA: Ela falava assim, uma vez por semana, não tinha água, uma vez por semana. Aí ela: vai toma banho? e pronto. Então era assim. Como é? Não, até ontem eu tava lembrando. Nas horas de Deus amém, que esse banho me faça o bem.

CECÍLIA: Ah, certo.

DONA MARIA: Era a nossa oração para tomar banho. Era tudo para tomar banho, para sair, para chegar. Tudo tinha, a minha mãe ensinava uma rezinha. Era assim, mas era gostoso. A gente trabalhou, sofremo. Depois que a menina casou, casou a Maria Helena, depois casou o Bebê, depois casou a Ná, e a Nena, que era mais velha, aí só ficou eu e Santa. Aí, minha mãe estava na menopausa, ficou ruim, uma noite ficou ruim, aí papai foi chamar o médico, que na usina tinha médico, tinha enfermeiro, tinha ambulância. O papai foi chamar o médico, aí ele ficou admirado com a gente, que trabalhava na roça, no canavial, né? Aí ele falou, você não quer trabalhar na minha casa? Ele tinha três filhos. Dois, na época eram dois. Era o Dr. Jarbas. Não sei se você já viu eu falar em Dr. Jarbas. Dr. Jarbas tinha Júnior e Vicentina. Duas crianças. Daí ele falou assim, eu estou precisando de uma babá. A senhora não deixa uma dessas suas filhas ir trabalhar lá em casa? Aí a mamãe deixou, Santa foi embora.

CECÍLIA: Ah, a Santa foi trabalhar.

DONA MARIA: Foi trabalhar. Aí ficou só eu.

VINICIUS: A Santa era mais velha?

DONA MARIA: Mais velho de que eu. Que da família toda era Nena.

CECÍLIA: Você e a Santa são as duas mais novas, só que você é a mais nova de todas.

DONA MARIA: Sou, das mulher, né? Dos homens era Mané Joaquim, que ruim... Muito ruim. Ruim que nem Mãe Nana. Era um capeta. Você lembra da surra que eu lhe falei?

CECÍLIA: Eu não lembro direito como é que era aquela história. Se não quiser contar não precisa.

DONA MARIA: Não, conto. Era assim, como todo mundo estava indo trabalhar, só estava eu em casa, eu e mamãe. Quer dizer, das mulheres, né? Porque os três homens estavam em casa. A Santa estava trabalhando de babá na casa do...?

CECÍLIA: Ela era babá com quantos anos?

DONA MARIA: Santa?

CECÍLIA: 15?

DONA MARIA: Não! Acho que um, olha, isso foi em... Em 1957, no comecinho de 1957. Em 1957, quando eu fui trabalhar na casa do Dr. Jarba, eu fiquei em casa. Fiquei com a mamãe. Mas eu trabalhava com o papai no canavial. Limpava o canavial. A cana grande, cobria a gente. Canavial, você sabe, né? Sim, eu trabalhava. E no carnaval de 1957 mesmo, de 1957, na terça-feira, feriado, o papai falou, vamos trabalhar. Eu falei, papai, trabalhar hoje? Ele falou, sim, sim. você não vai comer hoje. Então tem que trabalhar. Vai comer, não vai? Ou você vai comer amanhã que não é feriado? Não, aí a gente foi trabalhar, eu e ele, e os dois meninos, né, a gente foi trabalhar. Aí eu falei assim, é, eu vou, mas o senhor deixa eu ir no baile? Na terça-feira, o baile de carnaval. Falei, opa, eu vou. Aí pedi, aí ele falou, deixa! Deixa mesmo, papai, se eu for trabalhar com o senhor, hoje o senhor deixaeu ir pro baile de noite, as meninas de Tia Ita, meu primo, Tita, ia com os irmãos, o irmão dela era assim com elas, não era ruim que nem o meu, que nem o Mané Joaquim, não. Aí papai falou, deixa, pronto. Aí eu fui trabalhar, cheguei 5 horas da tarde. A gente saiu mais ou menos umas 7 horas da manhã e passava a usina. Pra ir trabalhar nesse lugar que a gente ia limpa o canavial. atravessava a usina. E a usina era uma rua. Tinha a usina, os operários, muito operário. Era uma usina enorme, bem grande. Muitos, muitos, muitos operários. Os que trabalhavam das seis da meia-noite, não, da meio-dia ao meia-noite, os que trabalhavam da meia-noite às seis da manhã, das seis da manhã. Era aquela de turma, sabe?

VINICIUS: Turno toda hora.

DONA MARIA: Sim, era uma usina enorme. Muito caminhão de carregar cana. Tinha máquina. o que a gente chamava de Maria Fumaça, não sei se vocês já viram falar em Maria Fumaça. Era uma rua, tinha armazém, tinha venda, tinha loja de tecido, lojinha pequenininha de tecido aí eu com vergonha poxa feriado todo mundo em casa ia passar com a enxada nas costas papai ah não tem que ir tem que ir eu falei então o senhor deixa? Ele falou deixa ir pro baile. Ah, minha filha, quando eu cheguei, quando a gente chegava em casa, era mais ou menos umas cinco e meia da tarde, aí eu descansei um pouquinho, ajudei minha mãe no que tinha que fazer em casa, e eu ajudava minha mãe em tudo, Cecília. Minha mãe costurava, eu fazia casa, pregava botões, fazia barra, ajudava ela em tudo. Foi, a gente descansou um pouquinho, quando foi mais ou menos umas oito e meia, nove horas, tomei banho, porque na usina tinha água à vontade, né? Tomei banho e a gente foi. Foi eu, Mané Joaquim. Beijo e Joca fico em casa. Não gostava de festa, não. Foi eu, Mané Joaquim, Tita e outro.

VINICIUS: Mané Joaquim?

DONA MARIA: Mané Joaquim era meu irmão.

VINICIUS: E Joca?

DONA MARIA: Também irmão.

VINICIUS: São duas pessoas diferentes?

CECÍLIA: É, é. Mané Joaquim. São três irmãos homens. O Beijo, o Joca e o Mané Joaquim.

DONA MARIA: Tá. É. Aí pronto. E papai mais mamãe não ia, né? Só foi a gente. A Ná já era casada, morava na mesma rua.

CECÍLIA: Ah, ela foi mesmo casada?

DONA MARIA: Foi, casada com o irmão João. E meus primos, a gente foi tudo, morava tudo junto, então foi tudo. Quando a gente chegava lá, estava aquele baile, uma marcha de carnaval, assim de gente, tinha um salão que a gente chamava de cassino, um salão enorme, enorme, e todo mundo tocando, dançando aquela alegria. Aí a gente ficaquemo numa mesa, aí foi o Mané Joaquim, foi Lali, foi Tita, foi Ná, foi todo mundo dançar. E eu fiquei na mesa. Pronto, eu tô toda ali na mesa olhando com a maior vontade de dançar.

CECÍLIA: Vergonha?

DONA MARIA: Não, o Mané Joaquim não deixava. O Mané Joaquim era um capeta. Ele tava lá no meio dançando e tudo. Mas papai falou pra mim, você vai, só que você não vai dançar não. Falei, tá bom.

CECÍLIA: Por que não podia dançar?

DONA MARIA: Porque ele era ignorante, tadinho. Ele era ignorante, não podia. Olha, naquela época, gente, em 1957, não tinha nenhuma comparação com agora. Não tinha putaria. Era um respeito. Era um respeito. Era só dançar. Era. Era só dançar. Então. Aí quando tá naquela meia. Naquela alegria. Jogava confete. Jogava confete. Aquelas estrelinha aqui. Serpentina. Sim. Serpentina. Jogando de goba. Aí chegou um rapaz bonitinho. Falou: Você não dança não? Eu disse, danço, eu falei, danço. Vamos dançar? Eu falei, vamos. Oh, meu Deus do céu. Aí eu saí, dançando, dançando. Mané Joaquim, no meio do salão, ele me viu. Me viu dançando. Aí saiu pegando, fazendo assim, ó. Pelas pessoas empurrando um, empurrando o outro. Chegou perto de mim, me puxou pelo cabelo. Me puxou pelo cabelo e saiu me empurrando. Até fora do cassino. Aí ficou só aquela confusão. Uma briga, uma briga, sabe como que é, né? E eu também fazendo de tudo pra me livrar dele. Arranhava ele, mordida. E ele segurando meu cabelo quando chegou lá fora. No muro, quando a gente passou o portão. Aí foi que ele me bateu. Aí a Ná, meu cunhado, Miguel, meu primo: Mané Joaquim para com isso! Não! Papai falou pra ela não dançar, não vai dançar essa enxerida! Aí começou a xingar e eu também xinguei ele de tudo que eu podia e pronto, aí não prestou mais pra ninguém, todo mundo foi pra casa.

VINICIUS: Acabou a festa.

DONA MARIA: Acabou a festa. Pra nós acabou a festa. Cheguemo em casa ainda brigando. Eu e ele brigando. Papai deu razão pra ele. Papai deu razão pra ele. Falou, não falei pra você não dançar? Atrevida. Eu estava que não aguentava de ódio. Eu pensei que minha mãe ia me dar razão. Ela não deu. Ela nem falou que eu estava errada e nem falou que eu estava certa. Eu falei, tá bom. No outro dia, na quarta-feira de cinza, era feriado. A gente é para isso, mas eu não vou para isso não. Vai para a missa. Não, eu não vou não. Aí não fui para a missa. Aí quando foi na quinta-feira eu fui trabalhar e não falei com meu irmão. Não falei com meu irmão, ele virava as costas. Eu fiquei com ódio, com ódio. Fiquei com ódio, ódio dele. Pronto, aí eu falei, eu não vou ficar em casa. Eu não vou ficar em casa.

CECÍLIA: Chega, né?

DONA MARIA: Chega. Eu e Mané Joaquim, dentro de casa eu não fico, eu odeio ele. Aí minha mãe estava vendo que eu estava de mal, porque ele queria falar comigo, mas eu não respondia. Aí eu falei para ela assim, olha, eu não vou mais ficar em casa com Mané Joaquim, mamãe. Eu vou trabalhar na casa de Dona Maria José. Eu vou para a missa, domingo. Todo domingo eu vou na missa. Eu não ia todo domingo. Mas como essa usineira, assim, de vez em quando ela ia para a usina, e quando ela ia para a usina, ela ia para a missa, porque ela era católica. A Dona Maria José era bem católica. Aí eu falei, domingo eu vou para a igreja. Domingo eu vou para a igreja. Quando foi no domingo, eu fui para a igreja. Aí quando eu tô lá. Rezando, pedindo a Deus que o Dona Maria José chegasse. Aí quem chegou? Dona Maria José com a família. Era família imperial. Família imperial que chama, né? Família imperial. Aí eu rezei tanto naquela missa. Rezei tanto pra ela querer que eu fosse trabalhar na casa dela, né? Isso foi no mês de abril. Abril de 57. O carnaval foi em fevereiro. É, março e abril. Ainda fiquei o mês de março todinho em casa. De mal com Mané Joaquim, né? Quando foi no mês de abril, a dona Marisa foi lá. Aí eu falei com ela, ela falou, sim, estou precisando. Eu estou precisando de uma pessoa

mesmo, que vai, uma empregada minha vai casar. Você fica no lugar dela. Cadê sua mãe? Falei, minha mãe está na feira. Aí ela falou, então vá chamar sua mãe que eu espero ela aqui, quando terminou a missa. Ela ia de carro. Aí eu fui correndo. Papai tinha um banquinho na feira, um caixotinho. Vendia sabão, fubá, algumas coisinhas. Aí eu falei, mamãe, mamãe, eu falei com a dona Maria José. O quê? Eu falei, tá. Eu falei com a dona Maria José, eu pedi para trabalhar na casa dela, e ela falou que ela quer, que está precisando de uma empregada, mas ela quer falar com a senhora. Vamos lá? Aí a mamãe falou, vamo, vamo. Você quer ir? Eu falei, quero. Aí a mamãe foi comigo, aí ela falou, então, com o meu nome dela. Aí minha mãe falou o meu nome, né? Ela falou, então, eu tenho uma empregada minha que vai casar agora, e ela vai ficar no lugar dela, de arrumadeira. aqui, quer dizer, aqui em Cucaú, depois eu vou levar ela pro Recife. Falei, era tudo que eu queria, era não ver a cara do meu irmão.

CECÍLIA: Tudo isso por causa do seu irmão, vó?

DONA MARIA: Sim. Por causa do meu irmão. E porque eu ajudava tanto e só tinha nós duas. Eu pensei que minha mãe fosse considerar isso.

CECÍLIA: É... E seu pai também, né?

DONA MARIA: E meu pai também.

VINICIUS: Você se sentiu meio traída, né?

DONA MARIA: Me senti. Me senti que eu fiquei magoada... Aí pronto, ela falou, então, quando é que você pode ir? Eu falei, quando a senhora quiser. Aí ela falou, então, o mês que vem, eu venho, aí eu levo você. Eu falei, tá bom. Aí fiquei em casa ainda, trabalhando. Quando foi no finzinho, foi no finzinho de abril, mais ou menos no finzinho de abril, 57, começo de maio, aí ela foi e me levou. Aí eu fiquei trabalhando na usina, na casa dela, da usina. Aí quando trabalhei uns três meses na usina, aí ela me levou para o Recife. Foi em 57, eu tinha quantos anos? Eu nasci em 43, 12, 13, por aí.

CECÍLIA: É, 13.

DONA MARIA: Pronto, aí trabalhei, fui na casa dela até os 21.

CECÍLIA: Olha. E antes da gente ir para Recife, eu ia perguntar.

DONA MARIA: E não falei com meu irmão. Nunca mais? Nunca mais, até o dia de hoje.

CECÍLIA: E, está vivo?

DONA MARIA: Não. Veio o dia que morreu. Aí ele queria trabalhar na usina, ele trabalhava no engenho. Ele queria trabalhar na usina, mas não arrumou emprego na usina. Aí ele, com raiva, foi embora. Falou que ia embora, saía de casa. Minha mãe idolatrava ele. Ela idolatrava ele mais do que a gente tudo.

VINICIUS: Ele era um queridinho.

DONA MARIA: Ele era o queridinho da minha mãe. Do meu pai não, pro meu pai era tudo igual. Mas a minha mãe, olha, era ele. Aí, pronto, quando foi no dia... eu fiquei na casa de Dona Marisa no Recife. E os tempos que eu não estava... Antes de eu ir para o Recife. De vez em quando ele ia para Caruaru, meu irmão. Ia para Caruaru, que ele estava, parece que servindo, fazendo aquele negócio de ir para o quartel.

VINICIUS: Servindo o exército.

DONA MARIA: Sim. Ele não servia, não. Ia fazer, ia se alistar, se apresentar. Se alistar, sim. É, se apresentar.

VINICIUS: Com dezoito anos.

DONA MARIA: É. Aí, quando foi um dia, e a gente, na casa da dona Maria, é que a gente viu o trem chegar. Tinha o trem de passageiro. O trem de passageiro. Não sei se vocês já viram falar que era o trem de passageiro. Tinha o trem que era de carregar açúcar, essas coisas. Cargueiro. Cargueiro. e o de passageiro. Sim. E que saía da usina Barreiros até Ribeirão. A gente chamava o trem passageiro. E quando o trem ia chegar, às vezes a gente ia pra estação, quando a patroa não tava em casa.

CECÍLIA: É, isso lá no Recife?

DONA MARIA: Não, na usina ainda. Ah, na usina, desculpa. É, antes de eu ir pro Recife. Aí, como foi um dia, eu tava na estação, aí o trem chegou. Ele tava vindo de Caruaru, meu irmão. Ele tava vindo de Caruaru. Aí, quando ele tava em Caruaru, que ele foi me abraçar, eu virei as costas, fui embora. Não falei com ele.

VINICIUS: Realmente cortou?

DONA MARIA: Cortei. Foi. Cabou tudo. Pronto. Olha, você vê, eu tenho problema no ouvido direito, que um faz tempo ainda, amigo, eu tirei e fiz uma chapa, o médico falou que tinha uma... Eu esqueci o nome que ele falou, porque ele perguntou se eu tinha caído ou se eu já tinha operado. Eu falei não. Não era lesão, não. Que tem no ouvido da senhora. Eu falei, foi um suco que eu levei, um soco do meu irmão. Olha, eu fiquei surda, fiquei tantã. Nossa. Ele era ruim. Ele era forte.

CECÍLIA: É, ele era maior que você.

DONA MARIA: Era mais velho, forte, homem. Era forte, musculoso, tudo. Me moeu. Falei, eu quero mais.

CECÍLIA: No meio de todo mundo, né, na festa.

DONA MARIA: No meio de todo mundo.

VINICIUS: Você estava tão feliz

DONA MARIA: Eu parecia minhoca no anzol, tanto que eu rebojava.

[Risos]

DONA MARIA: Feliz, feliz, feliz. Foi legal. Não foi legal por causa disso. Acabou com a festa de todo mundo. Minha irmã casada foi embora. Meus primos. Ninguém quis mais dançar.

VINICIUS: Depois disso, corta o clima.

DONA MARIA: Aí a gente foi pra casa. Mas eu queria que minha mãe tivesse falado assim. Pra que você deixasse pra bater nela em casa? Aqui em casa você falava com ela. Não era pra bater nela no meio da rua. No meio do povo.]Lá dentro do baile. Não era para você falar. Eu pensei que minha mãe foi falar isso. Mas ela não falou. E o que me entristeceu foi ela e meu pai. Porque eu fazia de tudo, Cecília. Eu ajudava em tudo. Eu era muito trabalhadora. Quer dizer que não sou eu que estou falando, mas a minha patroa. E eles mesmos falavam que eu era trabalhadora.

CECÍLIA: Sim, eu acredito, sim.

VINICIUS: Eu acho que eu vou só encostar aqui pelo barulho que está vindo lá de fora.

DONA MARIA: Pode encostar.

CECÍLIA: E a história do seu Ioiô foi quando nessa...?

DONA MARIA: A história do seu ioiô ainda foi em aldeia. Foi isso aí. do baile de carnaval, a gente já tinha saído de Burarema. Tava num engenho chamado Eldorado. Que ficava bem pertinho da usina. Bem perto da usina. Foi essa a história. Foi em Eldorado, do carnaval, né? Seu Ioiô foi em Aldeia ainda. Foi a primeira que a gente foi. E o povo dizia que o dono, o primeiro dono da usina... Diz que ele era bem ruim, bem ruim, que todo ano ele matava um operário, ele tinha uma seita, tinha uma seita que todo ano ele matava um operário, que era para daquele ano dar bastante à usina, morria bastante, o canavial, era uma seita.

CECÍLIA: História que o povo conta.

DONA MARIA: História que o povo conta. Era lá, né? E quando esse usineiro morreu, esse seu ioiô, eu não sei como era o nome dele, o filho dele ficou no lugar dele, mas aí não matava operário, matava um boi, que era o certo, matava um boi, né? E tinha uma igreja bem grande, uma igreja antiga, ficava pertinho da casa da gente. Agora, da igreja para a vacaria, onde ficava a vaca, o curral, tudo, diz que esse seu Ioiô, quando morreu, fez um túnel. Antes dele morrer, mesmo esse dono da usina, o dono da usina, ele para matar um dos operários todo ano, então ele fez um túnel que ele matava os operários e soltava dentro do rio, por aquele túnel, porque da vacaria para o rio era como daqui na avenida, só que descida. Aí ele fez aquele túnel e soltava o operário para cair dentro do rio. E tinha um pé de azeitona

que aqui o povo chama jambolão. Bem aqui na escada tem um. Daqui a gente vê. Bem grande. E tinha um poço, gente. Um poço que era o poço da morte. Não sei quantos metros de profundidade tinha aquele poço. E a azeitona, o pé da azeitona, tinha um galho... Era bem grande, bem na beira do rio. E tinha um galho que ficava bem assim, ó. Sabe? Bem em cima do poço. É aquele galho bem dali. Aí eu ficava olhando e digo, será que tem seu Ioiô mesmo aqui? Assim mesmo quando a gente estava passando lá pelo rio. E era lá que as mulheres todas lavavam a roupa, mas no canto raso. Tinha um lugar raso. O poço era tão esquisito que até a água era escura. Era escura. E o povo dizia que realmente... Diz que tinha um bicho ali. Dizia que era um malassombro. Muita gente via coisa ali, né?

CECÍLIA e VINICIUS: Malassombro.

DONA MARIA: Era uma alma penada. Aí, quando foi um dia, a tia Birina falou assim. Tia Birina é minha mãe também. Eram as três irmãs. Era como se fosse Valquiria, Nana e Verônica. Aí a tia Birina falou assim, Socorro, eu vou tomar banho, você fica lá comigo? Eu falei, vamos, fico. No riacho, juntou as mulheres, fizeram uma casinha, uma palhocinha de palha de coco no riacho, que era um banheiro, que elas tomava banho, só as mulheres. E naquele tempo tinha muito respeito. Misericórdia, se pegasse uma malinha, ele saía dali sem a perna. Sim, sem a perna. Aí eu fui para a tia Birina, falei, eu vou ver se esse homem tá no poço. Eu ainda tô aqui. Tá bom. Aí eu falei assim, eu vou ver se seu Ioiô tá no poço.

CECÍLIA: E foi sozinha?

DONA MARIA: Fui sozinha. Subi no pé de azeitona. E fiquei bem no galho que caía, ó. O poço é aqui, ó. E tinha esse galho. Eu fiquei aqui em cima desse galho. Seu Ioiô, eu só digo que o senhor existe se o senhor aparecer. Eu quero ver o senhor. Eu quero ver. Eu só digo que o senhor existe. Aparece! Eu quero ver. Menina, quando eu estava falando isso, eu vi uma bolha de água. Uma bolha. Como se alguém tivesse jogado uma pedra. Como se alguém tivesse... ficado com aquela bolha de água que subiu, que me molhou todinha. Foi Deus, Deus que eu não caí ali dentro. Senão, ninguém me achava. Sim. Porque tia Birina tava lá tomando banho. E eu estava aqui no poço do seu Ioiô.

CECÍLIA: Se metendo com o seu Ioiô.

DONA MARIA: Procurando briga com seu Ioiô.

VINICIUS: Fazendo traquinagem de novo.

DONA MARIA: Menina, quando eu vi isso aí, eu desci de pressa do pé de azeitona e corri para casa. Gritando, saí gritando. Quando cheguei em casa, falei para todo mundo. Acho que quem me viu no caminho já viu falando. Eu correndo, gritando. Medo, medo. Eu não sei se foi alguém que viu o perigo. Que eu estava ali correndo. E jogou uma pedra. Quando você joga uma pedra grande. Ele faz aquele... Aquele chafariz de água subiu que me molhou toda. E eu acho que do galho para a água, eu acho que era um pouco mais, era mais alto do que essa parede, do que esse teto aqui.

VINICIUS: Mais de uns dois metros e meio, três metros.

CECÍLIA: Então subiu muita água mesmo.

DONA MARIA: Subiu muita água. Eu acho que aquilo foi um malassombro mesmo. Aí eu cheguei em casa correndo, com medo, assombrada, gritando. Dessa vez eu fiz medo. Foi bom que eu não fiz mais.

VINICIUS: Aprendeu a lição.

DONA MARIA: É, aprendi a lição. Aí minha mãe falou, o que foi? Aí eu contei toda molhada. Ela foi agradecer porque eu não caí dentro do poço. Senão ninguém tinha me achado.

CECÍLIA: É, claro. E você sabia nadar?

[Risos]

DONA MARIA: Até hoje não sei, mas naquele tempo. Só você que olha. Aí contei pra todo mundo. Papai, mamãe, todo mundo. E o povo ali ficou sabendo. Socorro viu seu Ioiô. Socorro viu seu Ioiô. Não foi Socorro? Eu digo vim, vim. Aí correu o boato. Eu só vi a bolha. O povo dizia que o Joca também viu. Mas o Joca não viu uma bolha de água. O Joca viu um senhor dentro da água. O Joca disse que ele estava assim. Dentro do rio. Que era esse mesmo rio. Só que...

VINICIUS: Era o rio que o túnel saía, que ele sacrificava o operário?

VINICIUS: Era mais legal.

DONA MARIA: Era legal, tinha até as rezas que a gente, eu até aprendi também. Era um hino que falava assim: *Coração de Jesus, esta usina, faz descer o teu reino de amor, o patrão operado ilumina, conservando com nosso Senhor. Cucaú é o doce repouso de Jesus como foi Nazaré.* Era assim o hino. Era assim o hino. Aí tirou a maldição. Quer dizer, se tinha, não foi do meu tempo. A gente viu contar, né? E realmente tinha. Tinha coisa, gente. É porque aqui em São Paulo, eu não sei porquê, acho que a assombração tem medo de assalto.

[Risos]

DONA MARIA: Porque lá tinha. A gente via coisa. A gente via coisa que não era, que era paranormal.

VINICIUS: E aqui, a senhora nunca viu?

DONA MARIA: Não, eu vi uma vez na casa, né? Eu já falei que eu trabalhava.

VINICIUS: Isso já em São Paulo, a gente fala conforme o seu trajeto for chegando em São Paulo. Porque ainda tem Recife no meio do caminho.

DONA MARIA: Mas no Recife eu já estava mais velha, Já não traquinava mais, não. Na casa de Maria José já não fazia traquinagem, não. Mas o negócio dele era assim, ó. Era na corda.

CECÍLIA: Mas era na casa do Maria José, no Recife, que a senhora ia esperar Iemanjá na sacada de noite?

DONA MARIA: Era. Era na sacada de noite. Eu achava linda. De frente ao mar. Olha a casa de frente ao mar.

VINICIUS: Mas calma, só pra entender.

CECÍLIA: Antes de tudo, eu queria comentar. Ainda, eu não lembro se era. Acho que ainda no Mandacaru. Quando foi a primeira vez que a senhora viu um homem de sapato? Alguém de sapato, alguém a usar sapato.

DONA MARIA: Em Nazaro. Quando a gente ia. Ah, do Mandacaru pra Nazaro. Do Mandacaru pra Nazaro. eu vi um homem de sapato, a gente não chegava nem perto. A gente tinha medo de ser polícia. A gente dizia que quem tá com sapato, só quem calça sapato é soldado. Então a gente tinha medo.

VINICIUS: Vocês andavam descalços?

DONA MARIA: Andava descalço. O primeiro sapato que eu comprei, que a mamãe comprou pra mim, eu tinha 10 anos. Que Maria Helena casou em 53, eu nasci em 43, 10 anos. Eu e as mais velhas. Santa também, Mané Joaquim, tudo, tudo. A gente saía, tudo, mas era tudo descalço.

VINICIUS: Comprou sapato para o casamento?

DONA MARIA: Sim, comprou sapato para o casamento. Daquele dia por diante, daquele ano por diante, ficamos comprando sapato. Usando sapato, chinelo em casa, que a gente não usava nem sapato, nem chinelo. Era descalço. O dinheiro, não tinha dinheiro. E às vezes, e roupa era assim. A mesma Maria Helena. O vestido que ficava apertado pra Maria Helena, passava pra Ná. Quando ficava apertado pra lá, já rasgando, ficava pra Santa. Quando já tava rasgado, minha mãe remendava e ficava pra mim.

VINICIUS: Então você pegava só as raspas.

DONA MARIA: Eu pegava só as sobras. Aí era, olha, eu vou te contar, era assim.

CECÍLIA: E antes de Recife, ainda antes da casa de Dona Maria José, tinha mais assombração lá? Você lembra de mais uma história de assombração? Em Burarema, no engenho.

DONA MARIA: Em Burarema eu não vi nada. Quando a gente ainda tava numa da Caru, eu vi um. Quando a gente tinha relamílio, era um moinho. A gente punhava o milho, os grãos de milho dentro, duas pedras, uma pedra grande assim, redonda, chamava moinho. Era um moinho, vocês já viram falar? Aí a gente tinha outra pedra pequena, nas pedras tinha aquele vão no meio, aquele buraco, punhava o milho e ficava fazendo assim, ó. Aí Bebê, Bebê minha irmã, a segunda, afinada Nena, era a mais velha, e Bebê era a segunda. Então eu ia com o bebê pro moinho da casa de Júlia. mulher atrás da gente, uma

mulher com as canelas finas, com o vestido branco. E de vez em quando eu via essa mulher também costurando na máquina de mamãe. Mamãe tinha uma máquina de mão pequenininha.

VINICIUS: Costurando na máquina da sua mãe?

DONA MARIA: Sim. Costurando na máquina da minha mãe. Era essa mesmo, com o vestidinho branco. Ela era bem escurinha. Com o vestidinho branco, as canelas finas, bem as perninhas fininhas. Ela era magrinha. As pernas fininhas. E ela costurando. Eu vi, mas eu contava pra mamãe, não acreditava.

CECÍLIA: Não acreditava.

DONA MARIA: Não. Era assim.

CECÍLIA: E a senhora não tinha medo, mas seus irmãos tinham medo de assombração?

DONA MARIA: Não. Tinha não? Tinha não. Eu mais santa, vimos isso aí também. A gente viu um homem sentado no meio da rua jogando pedra. Tinha um monte de pedra assim, ó. E ele jogando pedra. Jogava pra um lado, jogava pra outro. Aí a gente ia pra casa. Eu não sei pra onde a gente ia. Santo que levou. Em 2019 a gente conversava tanto. A gente conversava tanto que a gente sentava pra tomar café. Oito horas, saía da mesa onze, onze e meia. Nós três. Eu, Santa e Maria Helena. Era legal. Beleza. Era muito legal.

CECÍLIA: Foi muito gostoso quando eles vieram pra cá.

DONA MARIA: Era muito gostoso. Era muito bom, a vida da gente era assim. Ainda tinha outra. Quando a gente ainda estava em aldeia. Mamãe defendia muito o meu irmão. Mané Joaquim era como José. Sei que você já ouviu falar na história de José. José do Egito. Que Jacó era assim com José e os outros, né? Que os irmãos de Jacob e raiva venderam ele, né? Então, essa história. Mas assim, era a mamãe Mané Joaquim. Aí, a gente almoçava todo dia. A gente já estava tudo trabalhando. Já tinha dinheirinho para comprar carne. Carne seca, que aqui chama carne seca. Lá chamava carne de charque. Chama carne de charque. Era uma delícia a carne seca. Você gosta?

VINICIUS: Gosto.

DONA MARIA: Então, aí, quando estava já no fim da semana, da sexta para o sábado, uns pedacinhos. Sabe o que ela fazia? Escondia pra mulher Joaquim. Aí a gente comia.

VINICIUS: Olha, ele era mimado.

DONA MARIA: Aí a gente chegava, saía 5 horas da manhã. Eu era mais nova do que ele. Bem mais nova. Chegava cansada, chorando. Tinha dia que nós saíamos debaixo da chuva. Amanhecia chovendo. A gente saía da chuva assim mesmo. Secava a roupa no corpo. Quando secava. E quando choveu o dia inteiro? Ficava molhada. Chegava em casa às cinco horas, cinco e meia da tarde. Quando foi um dia, a gente cheguelmo mais ou menos umas quatro horas, quatro e meia, por aí. E na frente da nossa casa, eu não falei que tinha o curral?

CECÍLIA e VINICIUS: Sim.

DONA MARIA: Em aldeia. Então, aí nós estávamos, a gente já tinha almoçado. A gente já tinha comido. Eu, o Bebê. Não, Bebê já tinha casado, era eu, Santa, Nena e papai. A gente estava na sala conversando e mamãe... Quando Mané Joaquim chegou do serviço, ele trabalhava, ele carregava a cana no burro, que naquela época chamava os cambiteiros, ele carregava a cana. Amarrava os feixes de cana e punhava no lombo dos burro e eles carregavam, né? Mané Joaquim fazia isso. Aí eu estou na sala, mas eu estou bem ligada que eu já sabia que minha mãe era assim com ele. Eu estava toda ligada. A gente não tinha carne, a gente comeu puro. Eu, a finada Nena, a Nana, Santa e papai.

CECÍLIA Todo mundo comeu puro.

DONA MARIA: Todo mundo comeu sem. Feijão com farinha era essa a nossa comida. Feijão com farinha, a carne não tinha. Mas pra nós não fazia diferença. A gente era acostumada. Aí eu estou ligada, porque eu sabia que minha mãe era assim, com o Mané Joaquim. Aí eu estou na sala, mas eu estou prestando atenção na cozinha. Tinha quarto, tinha corredor para chegar na cozinha, mas eu estou... Aí eu comecei a sentir um cheirinho de carne. Ela assando a carne na brasa, que a gente achava carne no

espeto, no fogão de lenha. Aí era um pedacinho de carne que ela tinha escondido para Mané Joaquim. Aí eu estou sentindo o cheirinho de carne. Eu sozinha. Foi a mamãe que escondeu. Eu vou esperar. Quando a mamãe... que eu olhei da sala, tinha um corredor e eu vi a mesa. A mesa de jantar. Quando eu olhei assim, aí eu vi ele comendo, aí eu vi ele pegando a carne. Eu disse: É agora! Vou deixar ele pôr a carne no prato, pronto para dar o bote. Aí eu fiquei. Quando ele estava com a carne no prato, eu abri a porta da sala, que dava reto para o curral. Ah, você tá com medo com carne? Puxei a carne, dei um bote assim, peguei a carne do prato dele e corri. E ele correu atrás, eu correndo na frente, ele correndo atrás. A gente rodeiam o curral, sabe? Era bem grande. E eu com a carne, eita!

[Risos]

DONA MARIA: Quando eu vi que ele estava até chegando perto de mim, eu soltei a carne dentro do curral, joguei a carne no curral. Aí ele me puxou pelo cabelo, mas ele não podia bater porque estava papai, estava Bebê, não, Bebê não, Nena, Maria Helena, todo mundo vendo, não deixaram. Aí eu cheguei na cozinha e falei para a mamãe, ele não é melhor de que a gente. Eu ainda sou mais nova do que ele. Eu sai de casa às cinco horas da manhã e a senhora escondeu a carne para ele, pois ele não é melhor do que a gente e eu não comi. Eu não comi, ele também não come. Ele vai comer puro que nem a gente comeu. Viu? Você não é melhor que a gente.

VINICIUS: Justiça.

DONA MARIA: Justiça. Olha... Se ele pudesse, ele arrancava minhas orelhas. É assim! Era assim, Vinícius. Olha, Santa, Na, Beijo, o Joca era tudo calmo.

CECÍLIA: É. E aguentava essas coisas caladas.

DONA MARIA: Aguentava essas coisas caladas. Eu não aguentava.

CECÍLIA: É, tá certo.

VINICIUS: Você já era mais agitada.

DONA MARIA: Era agitada. Eu não aguentava não, Vinícius. Falava o quê? Olha, eu saía cinco horas da manhã. Ele ainda ficava deitado. Que o serviço dele começava mais tarde. Levantava mais tarde. Eu era muito mais nova de que ele. Agora um pedacinho de carne que sobrou, então, quando tinha pouco, então ela fizesse para todo mundo. Dividissem um pedacinho para cada um, né? Mas não separou. Todo mundo igual, né? Todo mundo igual? Igual não? Aí eu falei, a senhora trata ele bem? Mas eu vou lhe contar, viu? Na minha frente ele não é melhor do que a gente. Falava, eu enfrentava. Mas apanhava.

VINICIUS: Dela?

DONA MARIA: Dela. E dele também. Papai não. Papai falava, calma. Tenha calma, minha filha. Como ele era bozinho. Tenha calma, minha filha. Ele chamava mamãe Helena. Deixa Helena, deixa Helena. Eu falei, mamãe, eu deixo. Eu não deixo, papai. Não deixo. Não deixo, papai. Não deixo.

VINICIUS: Então tinha uma rixa assim... quase que desde sempre.

DONA MARIA: É.

VINICIUS: Cês tiveram essa rixa que levou pra situação final do carnaval.

DONA MARIA: É, do carnaval.

VINICIUS: Que aí você queria ir embora, se mandar.

DONA MARIA: É, porque depois dessa surra eu falei, não fico mais com ele em casa. Aí pronto, aí ele .

DONA MARIA: no dia 30 de janeiro de 1960, ele veio embora pra Brasília. E ele falava que ele, se ele saísse de lá de Pernambuco ele voltava nunca mais, mesmo se a alma dele, se ele morresse, a alma dele não voltava. Voltava se não tivesse vergonha. Ele nunca escreveu isso aqui pra minha mãe, ó.

CECÍLIA: Nossa, ele foi embora e não voltou mais.

DONA MARIA: Foi embora!

VINICIUS: Ele era mal agradecido.

DONA MARIA: Ele era! Mal agradecido. Minha mãe ficou desgostosa, triste, adoeceu, não comia,

pegou tuberculose.

CECÍLIA: Ah, foi quando ele foi embora, então?

DONA MARIA: Sim. Que tristeza. E ele nunca, nunca, nunca deu notícia.

CECÍLIA E você estava lá ainda? Estava com mamãe ou não?

DONA MARIA: Não, eu estava na casa de Maria José. Já estava em Recife.

VINICIUS: E ela faleceu dessa tuberculose?

DONA MARIA: Faleceu. Ela faleceu no dia que Vânia nasceu. No dia 9. Que eu, eu — Ela faleceu no dia 11 de setembro de 65. No dia que Vânia — Vânia nasceu no dia 9, e ela morreu no dia 11. No dia do meu aniversário.

CECÍLIA: É, no seu aniversário.

DONA MARIA: É.

CECÍLIA: Mas a senhora não estava no Recife? Tava...

DONA MARIA: Eu tava casada, morava em Ribeirão. Eu tava casada, morava em Ribeirão, em outra cidade. Legal.

CECÍLIA: A senhora só ouviu falar da morte de mamãe?

DONA MARIA: Quando mamãe morreu, naquela época, não podia, quando tinha uma pessoa assim, de dieta, não podia falar não, disse que quebrava a dieta e era capaz de a pessoa endoiar. Aí, Joca.

CECÍLIA: Como assim “de dieta”?

DONA MARIA: Dieta que a Vânia tinha nascido no dia 9. E ela tinha falecido no dia 11.

CECÍLIA: Entendi, aí não podia falar.

DONA MARIA: Não podia falar pra mim. Eu tava, Vânia nasceu no sábado... a noite. Foi isso, e ela morreu também no sábado à noite. Vânia nasceu na quinta! E ela faleceu no sábado, 11 de setembro, à noite. No dia do meu aniversário. Aí o papai falou assim. Falou pra Joca — Manoel Joaquim já tava não sei aonde. No inferno, sei lá. Aí mamãe e papai falou pra Joca, “você vai pra Ribeirão falar pra Socorro. Se ela já tiver ganhado o neném, você não fala e nem dê demonstração. E se ela não ganhou ainda, você vem com ela.” Aí quando o Joca chegou, eu tinha ganhado a Vânia no dia 9.

VINICIUS: Aí não contaram.

DONA MARIA: Não contou. Não contou, passou — acho que passou umas três semanas. Mas um dia eu tive um sonho. Uma noite eu tive um sonho. Que eu via ela, eu via ela com uma roupa bonitinha e eu falava assim — e ela tava nova! Nova — que essa doença acabava, a pessoa ficava isso aqui, ó. Aí eu falava, mamãe! Quando eu fui abraçar ela, ela não deixou. Falei, a senhora tá bem? Aí ela falou assim “depois que Maria trocou minha roupa, eu tô bem.” E depois o Hugo teve outro sonho com ela, o Hugo falava assim, ô Dona Helena, a senhora tá bem? E ela falava, não! Porque Socorro ainda não sabe. [Óia...] Olha! “Não, porque Socorro ainda não sabe...”

VINICIUS: Nossa, que emocionante.

DONA MARIA: Era. Foi, isso mesmo que ela falou, não, porque Socorro ainda não sabe. Aí quando foi um dia, eu tava em casa, tava eu e os dois sobrinhos do Hugo. Amaro, e... Era Bal e Zezinho.

CECÍLIA: Hugo era meu avô.

DONA MARIA: Era. Eu tava em Ribeirão. Eu morava com a minha sogra em Ribeirão. E esses dois meninos é sobrinhos do Hugo. É. Aí o menino, o Bal, falou assim, Socorro! — Acho que ele tinha uns cinco anos — Socorro, tu sabe? Eu falei, que é que tu quer, Bal? A tua mãe morreu.

VINICIUS: Assim?

DONA MARIA: Sim. Tua mãe morreu. Já faz uns 15 dias, mais ou menos, que a Vânia tinha nascido.

VINICIUS: Que insensível.

DONA MARIA: Tadinho, né? Não sabia que era... É, criança. Eu falei, quê?! O que você tá falando, Bal? Ele falou, tua mãe morreu, mas meu tio não quer que fale pra tu não, Socorro. Não fala que eu falei não. — O Hugo tinha saído, né. Aí pronto, aí quando ele chegou mais Dona Adélia, aí eu tava

chorando, triste, não tinha visto minha mãe, aí fui pra Usina. Fui pra Usina e fiquei umas duas semanas lá na casa de meu pai, eu, meu pai e Santa. Aí fui visitar o túmulo dela.

CECÍLIA: Foi com o seu pai?

DONA MARIA: Foi, com o meu pai e Santa. Era pertinho o cemitério da... era lá na Usina, eles morava bem pertinho da Usina.

VINICIUS: Nisso você falou que você morava em Ribeirão, Ribeirão aqui de São Paulo?

DONA MARIA: Não, Ribeirão, lá tem Ribeirão. Lá em Pernambuco tem uma cidade chamada Ribeirão. Grandinha, não é muito pequena não. Eu calculo que hoje ela é maior de que... Eu não sei, não sei comparar.

CECÍLIA: Mas, eu já ouvi falar de Ribeirão.

DONA MARIA: Já viu, né?

CECÍLIA: Diferente de Mandacaru. [risos]

DONA MARIA: É uma cidade, tem banco, tem tudo! Naquela época já tinha. Agora tem Banco do Brasil, que meu sobrinho trabalha no Banco do Brasil, lá em Ribeirão... Pronto, aí? Só sei que foi assim.

CECÍLIA: Só sei que foi assim.

DONA MARIA: Foi legal, mas... Mesmo com tudo isso, a gente passava fome, a gente saía de manhã pra andar, pra brincar no mato. E a história do Papai Noel!

CECÍLIA: Ai, conta a história do Papai Noel, é.

DONA MARIA: A história do Papai Noel. A gente estava brincando, ainda no Mandacaru. [Tá, lá atrás.] Lá atrás, lá atrás. [Onde nasceu.] Sim, onde eu nasci, naquela casinha pequenininha, e a gente saía pra brincar longe. Brincava longe, não tinha perigo, não tinha ninguém, era só a gente. Então a gente brincava no mato, brincava nas pedra, brincava tudo. Se a gente visse cobra, a gente jogava pedra. E a gente não tinha medo. Minha mãe ensinava quando ela via que a gente, vamos brincar, “vamos brincar, vamos brincar!” Aí a gente... Eu chamava Santa, Beijo e Joca. E eu era, saía na frente, eu era danada, eu era que comandava. Aí a gente estava brincando longe, já era tarde, acho que mais ou menos umas duas, uma hora, duas da tarde. Aí Maria Helena foi chamar a gente. E a gente levava um passarinhozinho que a gente criava, chamado Ita. Era uma juriti. Bonitinho o passarinho. Pra onde a gente ia ele ia também, brincava com a gente. Ficava no ombro da gente. Andava no caminho. Ele, de vez em quando aí ele parava, batia as asinha e esperava, aí subia no meu ombro, no ombro de Santa, no ombro da gente. A gente ia brincar com a Ita. Tava longe, longe. Aí Maria Helena, Socorro! Socorro! Era eu que ela chamava, que ela sabia que eu era cabeça. Aí eu falei, nós tamo aqui. Oi Loli, oi! Nós chamávamos ela de Loli, Maria Helena. Aí ela falou, olha, vamos todo mundo para casa. Olha, em casa tem um homem e uma mulher, que ele foi tirar medida dos pés da gente para comprar sapato e brinquedinho de Natal. Que vai chegar o Natal. Que lá nós chamava o Natal— Vai chegar a “noite de festa”, e vai passar um homem com uma roupa bonita, chamado Papai Noel, tem a barba branca... Ela tava falando tudo! Ela já sabia, conhecia... Não sei da onde conhecia esse Papai Noel. Só sei que ela falou que o Papai Noel ia dar brinquedo pra gente. — E naquela época, Vinicius mais Cecília, a gente não tinha sapato pelo número, não. A gente tirava a medida assim, ó, com uma tirinha de pano. Tirava aqui, aí chegava na loja ou na banca da feira, aí via um sapato que era do tamanho daquela listinha e comprava. Mas isso... Isso já em Aldeia. Porque no sertão, essa história de Papai Noel foi no sertão, ainda no Madacaru. — Ai, Loli, então o homem que tá em casa, vai comprar sapato pra gente? E o soldado? — Porque a gente pensava que só quem calçava sapato era soldado, né? — E o soldado? — Não é! É sapato de mulher. Sapato de mulher. Ele vai dar pra todo mundo, Papai Noel. — Falei, e como é Papai Noel? — Ai, não sei não. Mas nós vamos ver tudo, e vai ter boneca. Ai, meu Deus, que coisa maravilhosa. Foi tudo. Aí a gente foi pra casa, vamos pra casa. Aí fui eu, Santa, Beijo, Joca. A gente fomo tudo, na frente Maria Helena e a gente correndo atrás para tirar as medidas do pé, para ganhar sapato. Quando a gente chegemo lá era mentira, não tinha mulher, não tinha coisa nenhuma. Era só para nós sair e ir para casa. Aí Maria Helena inventou a mentira dela, falou ai ela já foi embora, mas ela

falou que ela vai voltar. Aí a gente falou, então nós não vamos brincar no mato não, né mamãe? A mãe falou, não, pode ir, se ela chegar — ela sabia que era mentira — Pode ir, se ela chegar — ela chamava Maria Helena de Maria — Se a mulher chegar, Maria vai chamar vocês. Aí a gente ficava naquela ansiedade. Sim, brincando ansioso. Menino, só sei que chegou o Natal e a gente não foi — e essa mulher não foi.

CECÍLIA: E não foi o Papai Noel.

DONA MARIA: E não foi o Papai Noel. Mas a gente, papai tinha feito uma como é que chama? Um milhozinho roçado de papai, deu um milhozinho mais legal, que deu pra gente passar o Natal na cidadezinha de Nazaro. Era uma cidade bem pequenininha, bem pequenininha, chamada Nazaro. Eu até tenho umas foto. Depois um dia eu, a gente olha. Aí a gente foi. Quando a gente tava — pequena, olha, não era nem 1949, porque em 49 é que a gente foi pra Aldeia. Isso ainda foi no sertão, em Madacarú. Aí nós estávamos esperando, aí nós estamos vendo aquela alegria, aquele barulho. A casa era bem perto da cidade, bem perto da igreja católica. Aí lá vem aquele caminhão cheio de gente, ó, e cantando com Papai Noel. E vinha o Papai Noel. Aí a gente correndo pra beira da estrada, a estrada que vinha de breve, Madre de Deus, onde tem hoje a festa do...]A festa da Páscoa. Nunca viu falar da Páscoa em Jerusalém? Jerusalém de Fazenda Nova? Então, até a Nana foi lá, mais o Rogério, que chama Jerusalém do Agreste. Já viu falar, né? É muito bonito, muito bonito. Aí o Papai Noel vinha, vinha um caminhão, um caminhão azul. Parece que eu estou vendo o caminhão cheio de gente e aquele monte de moça cantando e o Papai Noel jogando bala! E eles vinha cantando, ó, *quando eu vi as estrelas no céu, anunciando que o Natal já vem, Papai Noel, Papai Noel, Papai Noel, joga um presente pra mim também.* Aí fiquemo na beira da estrada. Eu, Beijo, Joca e Santa. E o caminhão passou como se fosse aqui na casa da Conceição. Aí, “Papai Noel, Papai Noel! Jogue bala e minha boneca! Papai Noel, não fui mais brincar no mato, não!” Ai, Cecília, me dá até vontade de chorar. E ele nem na cara da gente não olhou. O infeliz do Papai Noel. Olha, até hoje, eu não gosto do Papai Noel.

CECÍLIA: Tem raiva do Papai Noel.

VINICIUS: Tem motivo.

DONA MARIA: É! E ele, e aquela brincadeira, jogando bala. Você acredita que nós tava tão cagado que nem bala não jogaram pra gente. Lá, bala chama confeito. Nem isso, e ele com aquele saco. Jogando bala, — Papai Noel! — eu e meus irmãos, Joca, Santa, Beijo — Papai Noel! A gente não foi mais brincar no mato! — E eu cheguei bem pertinho da beira da rodagem — Papai Noel! Minha boneca, Papai Noel, minha boneca! — Que minha filha, a gente foi tudo chorando pra casa. Eu fiquei tão triste, eu fiquei quase um mês sem sair de casa. Eu acho que foi — teve depressão de criança. Aí papai, com dó, né? Aí mamãe falou e todo mundo tentou, e a gente nenhum não quisemo mais brincar, não fiquemo mais na calçada, soltando fogo, aquelas brincadeiras de roda gigante, o carrossel ali no meio da rua. Cidade pequenininha, mas tinha tudo isso, né? Tudo, deixa eu ver, há 90 anos atrás. [Sim] É. Mas, pra gente era uma alegria.

CECÍLIA: Claro que era.

DONA MARIA: Era o que tinha. Mas a minha tristeza, os meninos também ficou triste. Santa, Beijo, mas não ficaram que nem eu. Eu fiquei com muita tristeza. Aí eu fiquei muito triste, não fui mais brincar. No outro dia, mamãe chamou a gente, a gente não levantemo mais pra brincar. Nem eu, nem os meninos. Nem eu, nem Santa, nem Beijo, nem Joca. Eles ficaram uns três dias. E eu fiquei muito, muito, muito triste.]Quando foi um dia que eu tava tão triste pela minha boneca, que papai foi na feira. Foi na feira, comprou um bonequinho desse tamanhinho, desse tamanhinho mesmo. Um bonequinho pra mim. Falou assim, olha, Socorro, tome, pronto, pra você, viu? Papai Noel não deu não, mas ói aqui esse bonequinho.

CECÍLIA: Mas eu dou.

DONA MARIA: Mas eu dou, sabe como é o nome dele? Eu falei, não, papai, como é? Ele falou, é Mané Gostoso. [risos] Aí pôs o nome do bonequinho Mané Gostoso. Aí eu fiquei com o bonequinho alegre, feliz da vida. Desse tamanhinho mesmo. Era bem pequenininho. Que ele chega tem as perninhas

fechada, assim, grudadinha. As perninha fechada e os bracinho. Assim, um bonequinho pequenininho. Pra quem não tinha nada... Brincava com... Né, brincava com folha de melancia, com essas coisas, folha de abóbora. A gente cortava o canudo e brincava! Não tinha boneca. Aí pronto, eu vi esse bonequinho, digo é o Mané Gostoso. Aí pronto, chamei de Mané Gostoso e fiquei muito tempo com esse bonequinho. E a raiva do Papai Noel. Fiquei com raiva do Papai Noel. Que quando eu casei, que tive meus filhos, pra todos eles falava, Papai Noel não existe. Eles chegavam na escola, na escolinha, no parque, né? “Ai, Papai Noel!” Eu falava, Papai Noel não existe! Não é Papai Noel, é uma pessoa vestida de Papai Noel, os pais da criança compram os presente e dá para ele entregar pras crianças. Ele não entrega. Ele dele mesmo não tem. Ele não é Papai Noel. Ele é um velho mentiroso. A Nana não gosta. Nunca gostou. A Nana nunca gostou. Mas eu fiquei com essa. Quando foi, olha só. Quando foi eu já, na adolescência, na casa de Dona Maria José, uma das filhas dela vestiu-se de Papai Noel. E foi dar brinquedo para os meninos. Era Dona Lurdinha. Dona Lurdinha, rica também, milionária, foi passar Natal na usina. A casa da usina era bem grande e separada tinha o... O chalé bem grande, a casa bem grande, a mansão da usina.

VINICIUS: Essa moça era amiga da... sua patroa?

DONA MARIA: Essa que se vestiu de Papai Noel? Era filha. Sim, aí eles sabia, tinha toda a história, todo mundo rico, sabia de tudo, né? E as crianças, os neto da Dona Maria José, os filhos da Lurdinha, da Graci, do Armando, que era o ministro, tudo sabia a história do Papai Noel. A burra ali era eu.

CECÍLIA: Sabia que não tinha? Que era mentira?

DONA MARIA: Não, bom, eles sabia que o Papai Noel dava presente e tudo, eu não sei como eles entendiam. Agora, eu que não sabia, eu pensei que o Papai Noel ia dar presente, chegava o Natal, o Papai Noel dava presente pra todo mundo, porque foi isso que Maria Helena falou pra nós naquele dia no mato. Então, naquele dia na usina, eu já era eu era adolescente já, eu trabalhava. Aí a Dona Lurdinha se vestiu de Papai Noel, o mesmo jeito daquele infeliz que estava no carro, no caminhão.

CECÍLIA: É, só tem esse jeito mesmo [risos].

DONA MARIA: Sim, olha aquela barba enorme. Tudo, tudo, tudo. Tudo, gente. Gente, quando eu vi, cheguei no apartamento, era o apartamento que ela tava, no apartamento que tem, no mesmo terreno da casa. Ela tava, aquele monte de presente que era para o sobrinho dela, para o sobrinho, filhos, sobrinho, para os netos, os outros parente, tudo parente, aqueles filhos dos operários mais ricos. Estava tudo ali, aquela festa, mas eu olhei, mas eu tive muita vontade de dar uns murro nela. Muita mesmo. Muita mesmo. Fiquei mentiroso, mentira. Tive vontade de falar.

VINICIUS: Papai Noel é só um homem.

DONA MARIA: É. Deu vontade de eu falar, é mentira! Esse presente não é ele que está dando, é a mãe de vocês que está comprando, é mentira. Deu muita vontade de eu falar. Mas se eu tivesse falado, eu tinha apanhado muito da minha patroa.

CECÍLIA: E a Dona Maria José batia em vocês?

DONA MARIA: Não, ela não batia não, mas dava castigo.

CECÍLIA: Dava castigo? [Dava.] Como assim?

DONA MARIA: Castigo. Ela dava castigo se você — tivesse passando um filme bom, às vezes ela mandava a gente ir, ou então não deixava nós sair para a usina, não deixava nós tomar banho de mar. Ela dava um castigo assim.

CECÍLIA: Entendi...

VINICIUS: Ah, ela proibia?

DONA MARIA: Proibia, proibia. Aí se eu fizesse isso, imagine, na filha dela! Se ela não batesse, mandava o filho dela, o marido dela bater, e os jagunços da usina, naquele tempo tinha jagunço, matador. Tinha o matador.

VINICIUS: Você pode só falar um pouquinho quem é a Maria José e o marido dela, só pra sair no vídeo?

CECÍLIA: Como você contou pra gente mais cedo que ele é filho do ministro, né?

DONA MARIA: Então, Maria José...

CECÍLIA: Eu vou pegar água, vovó, mas...

VINICIUS: Quer que eu pegue?

DONA MARIA: Não, então eu espero.

CECÍLIA: Tá bom.

VINICIUS: Um segundinho.

CECÍLIA: Eu vou pegar... você não quer?

DONA MARIA: Não.

CECÍLIA: Fala, fala, fala e não bebe água?

DONA MARIA: Não quero não! [risos]

CECÍLIA: Olha isso...

VINICIUS: Tem que se hidratar!

CECÍLIA: Ela não gosta de água, acredita?

DONA MARIA: É, não quero não. [risos]

CECÍLIA: Não gosta de tomar água.

CECÍLIA: Mas, ah, então...

DONA MARIA: Se quiser fumar aqui, pode fumar também. Não importa, não.

VINICIUS: Não, tranquilo, eu fico aqui pra não atrapalhar vocês.

CECÍLIA: A senhora foi trabalhar na casa de Dona Maria José, né? Dona Maria José, que era sua patroa mesmo.

DONA MARIA: Maria José era minha patroa.

CECÍLIA: Certo.

DONA MARIA: E o doutor Armando, o marido dela, era Armando de Queiroz Monteiro, que era o pai do ministro. Ministro da Agricultura. Doutor Múcio — ela tinha três filho homem e duas mulher. Era Armando Monteiro Filho, Múcio Monteiro e Rômulo Monteiro. E as duas mulheres era Lurdinha e Gracita.

CECÍLIA: Certo.

DONA MARIA: A dona Gracita era casada com esse Brenan. E Dona Lurdinha era casada com o Dr. Humberto, que era um pouco mais pobre de que o Dr. Brenan, mas eram tudo milionário, né. E quando eles se reunia, eles era uma família bem unida. Bem unida, quando era Natal, e Carnaval, às vezes Páscoa também. O Natal que ela passava na usina, aí ela se vestia de Papai Noel, a dona Lurdinha, filha da Maria José, que era casada com o Armando Monteiro, de Queiroz Monteiro, o velho. O filho a gente chamava de Armandinho, Dr. Armandinho.

VINICIUS: Que era o amigo do... Juscelino?

DONA MARIA: Do Juscelino! Sabe quem eu vi também? Quem ia na usina, quem foi lá no Recife... Aquele que morreu, de Cuba. Bonito.

CECÍLIA: Che Guevara!?

DONA MARIA: Não... que era presidente!

VINICIUS: Fidel Castro?

DONA MARIA: Fidel Castro!

CECÍLIA: Fidel Castro!

VINICIUS: Fidel Castro era amigo dele!?

DONA MARIA: Era.

VINICIUS: Gente, eram poderosos, hein.

DONA MARIA: Era ruivo! Pense numa pessoa bonita!

CECÍLIA: [risos] Era bonito mesmo?

DONA MARIA: Bonito demais!

CECÍLIA: Dizem que era mesmo. [risos]

DONA MARIA: Puxa, olha, tô pra ver. Bem ruivo, uns dentes que pareciam coco. De tão branco que eram os dentes do educado, era muito legal. Fidel Castro! Bonitão, bonitão. Bonitão.

CECÍLIA: Duas grandes personalidades aí na casa da Dona Maria José, né, o Juscelino e Fidel.

DONA MARIA: Fora os outros, né? Ai que teve aquele um que foi governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola.

CECÍLIA: Olha!

DONA MARIA: Sim, o Brizola. Tudo frequentava a casa deles. E naquele tempo...

VINICIUS: Então eles eram conectados...

DONA MARIA: Era!

VINICIUS: Não só no Brasil, mas fora do Brasil?

DONA MARIA: Era, fora do Brasil. Eles iam muito fora do Brasil. A dona Maria José ficava, ia muito pros Estados Unido.

VINICIUS: E eles eram bons patrões?

DONA MARIA: Era. Ele tinha as regras deles, né? Puxava nós pela corda. Mas eram bons. Era bom, era legal. A gente ficava no Natal, a gente tinha liberdade de brincar no Natal, no Carnaval. Tinha vezes quando ela ia, no Carnaval, quando ela ia passar o Carnaval em Lagedo, e ela tinha um irmão, a dona Maria José, a mãe do ministro. Às vezes ela ia passar o Carnaval em Lagedo. Em Lagedo tinha um irmão dela chamado Dr. Antônio Dourado, não sei se você já viu falar. Doutor Antônio Dourado era, como é que chama, deputado federal. Quando ela ia passar carnaval lá, naquele tempo, Vinícius mais Cecília, lança-perfume não era uma droga. Não era droga não. Naquele tempo eram uns tubos assim, ó. Quando eles iam passar o carnaval, eles davam lança pra gente, lança-perfume. Era. Quando eles não davam lança, eles davam dinheiro pra nós comprar. E a gente ia dançar carnaval. *Tchin, tchin!*

VINICIUS: Aí teve carnaval? [risos]

DONA MARIA: É, teve carnaval. Mas eu soltei a franga. Era. Aí a gente, tudo com lança, que ele dava, ou dava lança, ou dava o dinheiro pra nós comprar. Nós tinha inteira liberdade. Mas era na corda. Se precisar, fora do que pode... E a gente tinha aquele respeito. Respeitava essa liberdade. Era legal. Se ela fosse assistir um filme bom nesse São Luís. São Luís, o moderno. Se ela gostasse do filme, se fosse com, com... Tony Kurt, Gina Lulubrida, aquele homem Marlon Brando, teve outro que morreu um dia desse... Que o filho dele fez um tratamento que era viciado em sexo?

CECÍLIA: Eita, eu não sei.

DONA MARIA: Um ator famosíssimo.

VINICIUS: Alain Delon?

DONA MARIA: Não, Alain Delon não... Então, quando tinha um filme assim, bom assim, que ela ia assistir, filme com esses ator, ela comprava o ingresso pra gente. E o motorista dela levava nós.

CECÍLIA: Olha só!

VINICIUS: Bacana!

DONA MARIA: Era!

CECÍLIA: Também tomava banho de mar, né, quando podia.

DONA MARIA: Opa, verdade! Fez o serviço, tá tudo pronto.

CECÍLIA: Tá tudo pronto, então...?

DONA MARIA: Pode ir pra praia. Era só atravessar a rua.

CECÍLIA: Por isso que você fala que eles eram chefes bons?

DONA MARIA: Era, era, era bons. Era legal, né? Era legal. Eles tinham, era, traziam nós na corda. Mas, tudo isso era muito melhor do que trabalhar no canavial. No canavial. É. Ela trazia. E a gente não, a gente tinha uniforme, o nosso dinheiro era livre. E nós tinha décimo terceiro. Sim. Eu não sei quanto eu ganhava naquele tempo. Não sei quanto que era em hoje, em dinheiro hoje, eu não sei quanto que era.

CECÍLIA: E vocês comiam na casa?

DONA MARIA: Comia na casa do que ela comia. A mesma coisa que ela comia. Só não ao mesmo tempo. É assim, a gente ponhava, fazia tudo, fazia o almoço, o garçom, o copeiro, o copeiro levava, servia a mesa, servia a mesa e tudo que sobrasse. Era nós. Nós almoçava. E fazia a janta. E fazia a janta aí nós podia comer, podia tomar Coca-Cola, o que tivesse. Podia chegar na geladeira, tomava Coca-Cola, pegava queijo. Tudo. Nós tinha total liberdade pra comer o que quisesse. Foi lá que eu aprendi. Coca-Cola, Coca-Cola.

CECÍLIA: Descobriu a Coca-Cola com a Dona Maria José!

[risos]

DONA MARIA: É! [risos]

VINICIUS: A senhora gosta de Coca-Cola? [risos] Eu sou desse time também.

DONA MARIA: Eu gosto de Coca-Cola, adoro Coca-Cola! Vixe Maria. Eu não perdia uma Coca-Cola. Era legal, muito legal. Ela não era ruim, não. Ela morreu de acidente. Tava vindo dos Estados Unidos, desceu em... aqui em São Paulo e foi para Minas. E morreu em Poços de Calda, em Poços de Calda. Ixi, acidente de carro. Aí, tava passeando e não sei, teve batida de carro. Ela morreu de acidente. Caiu o carro, o táxi caiu dentro dum rio. Foi.

CECÍLIA: E a senhora ainda trabalhava para ela?

DONA MARIA: Não, já tinha casado. Tinha casado fazia pouco tempo, acho que fazia uns dois anos, três, por aí. E olha, o Dr. Ricardo, que ela veio, vieram buscar o corpo dela, veio a família lá. O doutor Ricardo Brenan, que era genro dela, o trilionário, ele tava com passagem marcada, ele tinha, como é que chama, contratado um avião da VASP para eles ir tudo passear nos Estados Unidos. Depois, quando ela morreu, teve esse acidente, ele cancelou, pagou não sei quanto de multa que falaram e veio buscar ela, o corpo dela, foi buscar ela em Poços de Calda e ela enterrou no Recife... Dez anos depois ele morreu, o véio Armando, o marido. Mas casou de novo. Diz que casou com uma mulher mais rica de que ele. E ela era mais rica, mas ela era uma pessoa tão boa. Eu não conheci, que eu já tava casada. Mas minha irmã, que ficou morando ali mesmo em Cucaú, disse que ela pôs escola em todos os engenhos, que no tempo de Dona Maria José não tinha.

CECÍLIA: Tanto não tinha que a senhora não estudava.

DONA MARIA: Tanto não tinha que eu não estudava.

CECÍLIA: Mas também não estudava porque tinha que trabalhar.

DONA MARIA: É.

CECÍLIA: E na casa de Dona Maria José, que a senhora ficava esperando Iemanjá de madrugada, era nessa casa?

DONA MARIA: Era, de noite, quando eu ficava... meu Deus do céu, só queria ver Iemanjá! E ficava, ixi Maria, teempo.

CECÍLIA: E a senhora achava que Iemanjá era uma mulher, que ia vir andando do mar?

DONA MARIA: Sim, andava por cima do mar. Como falava nos... Nos contos de fadas, não sei, e as pessoas que é... Como é, espírita? Fala que ela andava no mar, que ela é a rainha do mar, a rainha do mar, digo eu quero ver.

VINICIUS: E foi lá em Recife que você teve contato com essas outras religiões, assim, com Umbanda, foi ouvir falar de Iemanjá lá ou isso você já sabia?

DONA MARIA: Não, eu já sabia falar de Iemanjá, eu já sabia. Agora, Umbanda, eu fui saber aqui no Rochedale.

CECÍLIA: Ah, tá. Então, ali na casa da Maria José, a senhora não sabia que Iemanjá era Umbanda? Que tinha a ver.

DONA MARIA: Não, sabia não. E misericórdia, quem falasse em Umbanda ou em qualquer coisa de Candomblé, ixi Maria, acho que ela cortava a língua. Ela era católica, apostólica, ixi Maria, era demais. Olha, e tinha mais outra arte minha, na usina. Toda sexta-feira à noite, ela mandava buscar um padre em Rio Formoso, que em Cucaú não tinha padre. Tinha padre em Rio Formoso. Aí os empregados iam buscar o padre, era Padre Olegário. Era, ou o Padre Olegário ou Frei Caetano, de Rio Famoso. Aí o motorista ia buscar, o padre dormia na sexta-feira à noite, de manhã, no sábado de manhã tinha missa, tinha missa meio-dia, tinha missa de noite, e o padre levava aquele monte de hóstia. Ce sabe o que é hóstia? E eu era arrumadeira. Sabe o que é arrumadeira? Arrumadeira é que a gente, os patrões levantam, a gente vai lá, dobra o lençol, forra a cama, põe colcha, de noite a gente põe uma garrafa com água, era assim, era o meu serviço, antes de eu ser cozinheira.

VINICIUS: Isso quando você ficou um tempo ali na usina antes...

DONA MARIA: É, nesse tempo da usina, em Cucaú. Aí quando eu ia arrumar a cama do padre, que eu puxava assim a cômoda, na gaveta tava aqueles pacotão de hóstia. Eu comia de monte. [risos] Meu Deus...

CECÍLIA: Por quê?! [risos]

DONA MARIA: Não sei! Arte mesmo! [risos] E já, olha, já tinha meus 13, já sabia o que era, né, e eu comungava! Você sabe o que é comungar, não sabe? Então, e quando eu ia pra missa, eu comungava. Mas aquela — Ai, eu vou arrumar o quarto de Padre Olegário... Aí quando eu chegava no quarto, puxava logo a gaveta da cômoda, aí tava aquele pacote de hóstia, tanto a hóstia grande, que tem a grande que é só do padre, né? E as pequenininha, que é da gente.

VINICIUS: E você comia a grande?

DONA MARIA: Comia! Comia todas. [risos] Comia, comia, todo dia.

CECÍLIA: E não era fome, porque tinha comida. [risos]

DONA MARIA: Não era fome, tinha comida de sobra.

CECÍLIA: Era vontade de dar risada.

DONA MARIA: Eu acho que era artência ou ruindade, eu não sei o que que era, Cecília, vocês pode crer. Agora, hoje eu fico pensando, meu Deus, porque ele contava, deve de contar essas hóstias.

CECÍLIA: Pois é, e quando ele ia...

DONA MARIA: E quando contava que ia, que via que tá faltando da pequena, tá faltando tanto, da grande, tá faltando. Porque aquela grande, ele põe no cálice assim, mostra pro povo, né? Você já viu a missa pela televisão? [Sim,sim] Mostra pro povo e tudo. Depois faz aquele ritual. E eu pra mim não tinha nada disso. Eu era comendo. Não tem gosto de nada!

CECÍLIA: Não tem! [risos]

VINICIUS: Ainda cola na boca! [risos]

DONA MARIA: É, inda cola na boca, mas eu não tava nem aí! Era arte...

VINICIUS: Mas nunca deu problema?

DONA MARIA: Nunca, nunca. Ele sentiu falta, que eu sei. Mas ele nunca contou pra ela. Porque ela nunca me reclamou. Eu também não contei pras menina, não. Com medo das menina contar pra, uma contar pra outra, pra outra empregada, né? Ah, minhas arte ficava só comigo mesmo.

CECÍLIA: E lá na casa de Dona Maria José, ninguém da sua família foi, nenhuma de suas irmãs foi?

DONA MARIA: Pra trabalhar na casa dela? Maria Helena passou roupa um tempo, depois foi embora.

CECÍLIA: Porque casou?

DONA MARIA: Porque casou. Não, ela já era casada! Há muitos ano... É mas...

VINICIUS: Ela casou bem antes, né?

DONA MARIA: É, foi bem antes, foi o primeiro casamento, a primeira que casou das menor, de idade.

CECÍLIA: É, a senhora falou. Mas, aí então quando a senhora foi pro Recife não foi ninguém da sua família junto?

DONA MARIA: Quando fui trabalhar na casa de Dona Maria José? Não... !

VINICIUS: E você morava na casa da Maria José?

DONA MARIA: Era! Todas as empregadas moravam na casa dela, todas. Todas, tinha muita... Ixi Maria, era nome, tinha Teresa, tinha Zefa, tinha Neu, tinha Mara, tinha Quitéria, Naís, Zezé, muitas!

VINICIUS: Você comentou que eram mais de vinte...

DONA MARIA: Mais de vinte.

VINICIUS: ...funcionários sempre na casa, né?

DONA MARIA: Funcionários sempre na casa. Todos tinham independência, né? Tinha o nosso

DONA MARIA:quarto, o quarto das empregadas, e tinha dos homens também. O jardineiro, tinha do copeiro, tinha do garçom, o motorista, motorista tinha cinco. E o que era só dela. E o que era só do Dr. Armando. E tinha Seu Amaro, que tinha uma Kombi, que era só pra mandado. Tá faltando isso? Seu Amaro vai no mercado, vai comprar. Tomate, isso, aquilo. Então era seu Amaro. E Josué, era Josué, Francisco, seu Luís, seu Amaro e tinha... Era cinco. Era muita gente. Naquele tempo era muita gente. Hoje não. Hoje não tem nem, hoje é diarista. As diaristas vai lá uma vez por semana.

CECÍLIA: Mas as casas são menores também, né?

DONA MARIA: As casas são menores... O casarão de Maísa Matarazzo. Isso aí você viu falar, Maísa Matarazzo, de toda a família Matarazzo. O casarão deles é na rua, é no Jardim América. Na Rua Colômbia. Eu trabalhei lá de café e fazia limpeza. Quantos cômodo tinha?... Trinta. Oito banheiro, oito banheiro. Dez áreas. E tem aquele corredor enorme. Foi lá que eu vi o homem. No corredor.

CECÍLIA: Ah, eu lembro do homem do corredor. Um homem de calça azul, não é?

DONA MARIA: É.

VINICIUS: Que é a assombração daqui?

DONA MARIA: Sim, assombração.

CECÍLIA: Comer hóstia da gaveta do padre é o fim da picada.

DONA MARIA: Eu fico pensando, meu Deus do céu, ele não contava...

CECÍLIA: É, ele não contava... Bonzinho ele também. Que via doze hóstias sumir por dia e não fazia nada. [risos]

DONA MARIA: Hoje, às vezes à noite, eu acordo e fico pensando, meu Deus, que sorte que eu tive. Porque ele não contava pra Dona Maria José que eu comia as hóstia. Né, porque, já pensou? E o católico tem a hóstia como uma coisa santa! É, o corpo de Cristo. Diz que o padre benze, é aquele ritual bonito. É bonito, é um ritual bonito. E eu fazia uma coisa tão sem graça.

CECÍLIA: Né? [risos] Tão besta...

DONA MARIA: Tão besta!

VINICIUS: E tão sem gosto.

DONA MARIA: Tão sem gosto! E eu pegava, comia, olha só as hóstias de Padre Olegário, comia, pegava outra e achava

DONA MARIA: Não tinha gosto, gente! Não tinha gosto de nada.

VINICIUS: Nenhuma delas.

DONA MARIA: Nenhuma delas! A grande e a pequena era a mesma coisa. Mesma coisa. [risos] É o mesmo corpo. Naquele saquinho de papel, de padaria, naquele saco grande. Naquele tempo não tinha saco de plástico, né, era só aqueles de papel. E o Padre Olegário, a gaveta do Padre Olegário era cheia — tanta hóstia, eu vou pegar uma... Mentira, que eu ficava comendo. Não ficava só uma, não. Era

como se fosse pipoca. Eu não sei o que eu tinha na cabeça, não, era cabeça de jerico, mesmo, pode crer. E não era mais criança!

CECÍLIA: Ah, 13 anos é criança, vó.

DONA MARIA: Meu Deus!

CECÍLIA É que a senhora já trabalhava, não tinha escola, já não brincava mais tanto, mas 13 anos é criança, não é adulto.

VINICIUS: A cabeça ainda tem titica.

DONA MARIA: Ih, pois é, tem titica na cabeça.

CECÍLIA: Que chefe falou para você e para a Maria Helena que vocês não tinham raciocínio?

DONA MARIA: Foi para mim e Nair, a empregada. Foi Dr Armando mesmo. Foi, que todo mundo viajava em época de carnaval, e o Dr. Armando tava na usina. Ele era quem ia por último, porque ele era usineiro, chefe. A Dona Maria José foi pra Lajedo. Lajedo é uma cidade que tem para lá de Caruaru, como aqui em São Paulo é como se fosse Campo do Jordão. É uma cidade fria, tem aquele ar bem frio, que o povo fala que vai fazer, como é que chama, que vai para Campo do Jordão fazer... receber aquele ar frio. É um lugar bem rico, bem chique mesmo. E ela tinha um irmão que era deputado federal, e ela ia para a casa dele. E era... Que era mesmo que eu tava falando sobre?

CECÍLIA: Que ele falou que você não tinha raciocínio.

DONA MARIA: Então, aí foi todo mundo, e o Dr. Armando ficou para ir no outro dia de manhã. Quando foi de manhã, só eu e Nair. A cozinheira, a Madre Camila. A Madre Camila era governanta. A Madre Camila e a passadeira de roupa foi compradas! Quando o véio, quando ele comprou a usina, ele comprou três empregadas junto com a usina... Quer dizer que elas eram ainda escravas, nera? Então, depois que ele comprou, aí pronto, ela teve, deu carta de não sei o que lá.

VINICIUS: ...Alforria...

DONA MARIA: É, mas nesse seu Ioiô, elas eram empregadas do seu Ioiô.

CECÍLIA: Então elas eram muito velhinhas já.

DONA MARIA: A Minha Tia, era Dona Maria. A gente chamava Maria Cozinheira. Ela era bem velhinha. E eles tinham maior amizade. A Dona Maria José que trazia a Minha Tia aqui. A gente chamava de Minha Tia, porque ela era bem velhinha, ela não gostava muito não, mas acostumou. Todos os empregados chamavam ela Minha Tia. E a governanta era Camila. A gente chamava também Madrinha Camila, porque ela era uma autoridade. Ela era uma autoridade. Na falta de Dona Maria José, com a dona Maria também, ela quem dava as ordens, era chefona mesmo, era Madrinha Camila... E era o que? Queu tava falando? Então, aí foi todo mundo viajar, quer dizer, os filhos, netos, foram tudo para Lajedo. E o Dr Armando ia depois, de manhã, no avião próprio deles, que eles tinha três avião pequeno. Três avião pequeno, que até naquela época chamava o avião pequeno, chamava de teco-teco. Era. Aí o doutor Moraes — A cozinheira foi lá, fez o café, a madrinha Camila tudo olhando, a cozinheira. Aí eles gostavam de coisa tão quente que tinha que ir uma empregada na frente com um jarrah de prata, era de prata, com água fervendo e a outra empregada com a xícara. Uma bandeja com a xícara e o, como é que chama? E o bulinho de café. Aí eu vim com a água, eu pus a água e Nair, a outra empregada, tava no bule dela em vez de café era água também. E quando eu despejei a água... Pronto, despejei a água. Aí tinha outra que vinha, depois vinha uma empregada e pegava aquele copo com a água e levava, aí Nair colocava o café. Quando Nair foi colocar o café, era água também. Aí ele, qué isso!? É água!? Vocês não tem raciocínio, não!? Falta de raciocínio! A gente fiquemo com tanto medo, porque ele era bem grande, tinha a cara de bravo, só que ele não falava com a gente, não. As coisas dele, o que tinha que falar, ele mandava, falava para a mulher dele, e a mulher dele falava para a Madrinha Camila, e Madrinha Camila leva as bronca. Era assim.

CECÍLIA: Daí, aquele dia, vocês receberam uma bronca dele.

DONA MARIA: Recebemo uma bronca cara a cara. Ave, pense no medo. E aí a gente correu depressa, aí chamei uma cozinheira, minha tia veio, pôs o café, aí ele tomou o café e saiu xingando a gente. Aí nós não sabia o que era raciocínio. Falei, meu Deus, Nair, Nair, ele falou que nós não tinha raciocínio. O

que é raciocínio? Nair falou eu também não sei. Aí a gente fiquemo sem saber o que era raciocínio. Que quando eles vieram, a família veio toda de Lajedo, a gente tinha Armando Neto. Você nunca ouviu falar em Armando Neto? Que é aqui também político em Brasília, Armando Neto e José Múrcio, né? Então, a gente foi criado tudo junto. Aí a gente falemo assim, Armando Neto era bem legal com a gente. Bem legal, tanto ele como José Múrcio. José Múrcio é não sei o que de Lula. É, não sei. Depois a gente vê. Armando Neto, sabe por que o Dr Armando falou com a gente? Ele falou que eu mais Nair não tinha raciocínio. Aí o Armando Neto deu risada, falou meu avô falou isso com vocês? Aí eu falei, o que é isso? O que é raciocínio? Ele falou ele chamou vocês de burra! Ele falou que vocês era burras. E dava risada! Quando a gente não sabia das coisas, a gente perguntava pra Armando Neto, aí ele explicava.

CECÍLIA: Eles eram tudo estudados, né?

DONA MARIA: Estudados, sim. Era novo, mas era tudo estudado. E tinha uma mulher chamada Valquíria, que dava aula de estrangeiro para eles. De inglês. Chamava Valquíria! E eu achava tão bonito esse nome, que eu falei se eu tiver uma filha, eu vou por o nome de Valquíria... E os meninos chamavam ela de Val, mesma coisa, é...

CECÍLIA: E daí, do Recife, a senhora conheceu o meu avô, como foi?

DONA MARIA: Foi, foi.. A gente vinha pra usina nas festas, quando a gente vinha pras festas, na usina, ou Natal, ou Carnaval, que ela vinha junto, a dona Maria José, aí ela dava folga pra nós e ficava com as empregadas da usina. Que ela tinha empregada na usina, em cada casa tem as empregadas. Se a gente fosse pra Madalena, aí as empregadas da Madalena não precisava nós ir, que nós era de Boa Viagem. Se ela fosse para Boa Viagem, a gente não ia. Se ela fosse para Madalena, a gente não ia. Cada casa tinha seus empregados. Era o que, que eu já esqueci de novo? Foi. Aí ela veio pra usina, as empregadas da usina já tavam tudo, aí ela dava folga pra nós. Aí nós podíamos ficar na casa dos nossos pais. E o Hugo trabalhava numa venda, num armazém em Eldorado. Aí eu conheci a beleza. Foi... Em setembro! E casei em dezembro. Três meses.

VINICIUS: Nossa, rapidinho.

CECÍLIA: É, vapt vupt.

DONA MARIA: Vapt vupt. 1963. Eu casei em dezembro de 64. 6 de dezembro de 1964.

VINICIUS: Cê casou com 21?

DONA MARIA: 21. Eu fiz 21 em setembro, né? Casei em dezembro.

CECÍLIA: E aí, Você casou, aí você foi morar com ele ou continuou trabalhando?

DONA MARIA: Não! Não... Fui morar com ele.

CECÍLIA: Ah, e parou de trabalhar?

DONA MARIA: Parei de trabalhar. Por enquanto. Comecei a trabalhar aqui em São Paulo.

CECÍLIA: Mas aí você teve minha mãe...?

DONA MARIA: Tive todos.

CECÍLIA: Todo mundo lá, menos o Tio Dan?

DONA MARIA: Em Cuaú? Lá em Pernambuco? Não. Aqui em São Paulo nasceu Verônica e Daniel. Os outros foram lá em Pernambuco. Cada um num lugar. Vânia nasceu em Ribeirão, Valquíria nasceu no Recife e Nana nasceu em Caruaru.

CECÍLIA: E a minha mãe nasceu em Ribeirão, que é onde você foi morar com o vô? De primeiro?

DONA MARIA: Foi.

CECÍLIA: E aí depois vocês dois se mudaram para Recife? E depois os dois para Caruaru também?

DONA MARIA: Os dois para Caruaru.

CECÍLIA: Por que se mudaram?

DONA MARIA: Porque Murilo comprou, Murilo era irmão do Hugo, e era administrador de muitas fazendas, e ele era como se fosse um veterinário, que conhecia de tudo, de gado, de campo, de terra, como se fosse um pouco de veterinário, um pouco de agrônomo, um pouco de tudo. Ele sabia de

fazenda. Bem inteligente, muito. Aí ele foi trabalhar numa conta de três fazendas, Juriti, Boa Vista e Normândia, em Caruaru. Aí comprou uma casa e o Hugo estava desempregado, aí levou Hugo para lá. Aí nós fomo ficar em Caruaru, fiquemo pouco tempo também. Que foi quando nasceu Nana, em Caruaru. Nasceu lá. A terceira. Foi, aí viemo pra aqui, Verônica nasceu aqui em Osasco.

CECÍLIA: E vocês vieram aqui, e aí, quando minha mãe nasceu, que morreu a mamãe, né?

DONA MARIA: Morreu a minha mãe, foi.

CECÍLIA: E aí, a senhora até foi lá, com seu pai, com a Santa...

DONA MARIA: É, fiquei lá um tempinho, uns dias.

CECÍLIA: E papai?

DONA MARIA: Meu pai, tadinho, ficou muito triste, acabado...

CECÍLIA: Ficou só ele e Santa?

DONA MARIA: Ficou só ele e Santa. E eu ainda vim pra São Paulo, pra mim, não vim com Dona Adélia, que Dona Adélia era muito da chata, a mãe do Hugo, eu trouxe Santa. Meu pai ficou sozinho. Tadinho. Mas ele não aguentou a solidão. Foi morar com Maria Helena. Ah, tá. Maria Helena, vixi, e ele é assim, ó.

CECÍLIA: E ele viveu bastante ainda?

DONA MARIA: A gente viemo, eu vim em sessenta e oito, pra São Paulo, ele morreu em setenta e cinco.

CECÍLIA: Ah, viveu bastante...

DONA MARIA: Viveu... Foi dez anos! Minha mãe morreu em sessenta e cinco, em mil novecentos e sessenta e cinco, e dez anos depois ele morreu.

CECÍLIA: E ele morreu de doença?

DONA MARIA: Não, morreu de aci, como é que chama, de acidente. Ele foi pra o Recife receber aposentadoria, que os aposentado não recebia na usina, não tinha banco, ele foi receber no Recife. E no caminho, o ônibus bateu, tinha uma carreta, numa estrada bem perigosa lá pra chegar no Recife, e o ônibus bateu na traseira da carreta. Morreu bastante gente... Maria Helena quebrou três costelas. Tava junto, tavam os dois na mesma cadeira. E ele quebrou a perna esquerda e deu hemorragia, e morreu no mesmo dia no hospital. Meu pai é enterrado no Recife.

CECÍLIA: E a senhora já visitou?

DONA MARIA: Não. Nunca visitei...

CECÍLIA: Gostaria?

DONA MARIA: Gostaria.

VINICIUS: Você voltou várias vezes para Recife desde que você veio para São Paulo?

DONA MARIA: Três vezes só. É... Três vezes. A última vez foi em 2020. Não! 2020 não, 2020 foi agora. Foi no ano 2000. Foi no ano 2000, que fui eu. Beijo, meu irmão, e a Ná. A gente passeou bastante. Foi muito legal.

CECÍLIA: E a Tia Santa mora onde hoje em dia?

DONA MARIA: Santa hoje mora em Olinda, num lugar, numa das cidades lindas, das cidades mais lindas do Recife. Que é uma, fica bem no alto.

VINICIUS: É, eu conheci.

DONA MARIA: Conheceu!? Fica bem no alto, né? Aí de lá tem um lugar que você vê o Recife inteiro, de Olinda. É, tem uma vista maravilhosa. É, Santa mora lá, em Olinda. E Maria Helena mora em Rio Formoso. Maria Helena mora no sul de Pernambuco, bem perto de Porto de Galinha. Maria Helena, é rodeado de praia. Porto de Galinha, a Praia dos Carneiros, Tamandaré, Barra do Sirinhaem.

VINICIUS: Praia dos Carneiros também é muito bonita.

DONA MARIA: Muito bonita. Então, olha, da casa de Maria Helena pra Praia dos Carneiros, dá pra gente ir a pé. É uma caminhada. Mais ou menos 40 minutos pra ir e 40 minutos pra vir. Mas é perto, né? Para quem gosta de caminhar é perto, agora não, agora tem carro, tem moto, tem tudo, mas no ano 2000 a gente ia a pé. Muito bonito.

CECÍLIA: E aí, a senhora foi morar com o meu avô, teve, teve.. Nossa família inteira. E aí veio para São Paulo por ca de que?

DONA MARIA: Porque não tinha emprego, Hugo ttava desempregado. E a Ná já tava aqui.

CECÍLIA: Por que? Por que a Ná tinha vindo para cá?

DONA MARIA: Porque só tinha emprego também. Só que a Ná veio, também, Mané Joaquim foi pra Brasília em janeiro, e a Ná veio praqui em junho. Naquele tempo não tinha ônibus, vinha de pau de arara. A Ná ficou uma semana...

CECÍLIA: Como que é pau de arara?

DONA MARIA: Caminhão. Caminhão, em cima de caminhão. A Ná e Irmão João, ficaram uma semana. Pobre, pobre de Jó. Ela falou que eles vieram comendo melância. Era uma semana.

CECÍLIA: Uma semana comendo melancia.

DONA MARIA: Sim, na estrada. Caminhão...

VINICIUS: [Melância] Que é água quase.

DONA MARIA: Era, só ir fazer xixi. Não dava nem pra parar no hotel... Aí eu já vim de ônibus, nós viemos numa companhia chamada Progresso.

CECÍLIA: E a senhora veio com a minha mãe...

DONA MARIA: É...

CECÍLIA Com a tia Val,

DONA MARIA: É

CECÍLIA: com a tia Nana,

DONA MARIA: É

CECÍLIA: com três filhos.

DONA MARIA: Sim, mas meu Deus do céu, que horror, três dias, três dias.

CECÍLIA: E o meu avô não veio junto?

DONA MARIA: Já tava aqui.

VINICIUS: Já tinha vindo por causa do trabalho.

DONA MARIA: É, ele veio, arrumou emprego, arrumou casa, alugou a casa, aí nós viemos. Mas olha, três dias, eu nem comi, nem tomei banho durante esses três dias, porque não dava! Quando o homem parava, era eu correndo pra fazer mamadeira pras três. Santa ficava na mesa com elas e eu fazendo a mamadeira. Fazia a mamadeira correndo numa panelinha de mingau. E tinha dia que não dava tempo nem de esfriar. Eu vinha com uma garrafa térmica, aí eu ficava com a garrafa assim, ó, o ônibus com a janela com vidro aberto, e eu assim, pra esfriar. E Nana gritava, porque Nana era esfomeada, que era uma coisa... E grande! Era, era....

CECÍLIA: E o marido de Santa já tinha vindo também?

DONA MARIA: Não, Santa era solteira.

CECÍLIA: Ah, ainda era solteira?

DONA MARIA: Foi quem por último casou foi Santa. Ela veio, ficou parece que três anos aqui e foi embora pra lá pra cuidar de meu pai. Ficou lá com meu pai e lá ela arrumou aquele marido dela, que é...

VINICIUS: É ruim?

DONA MARIA: É ruim. E bicho. Eu acho que quando ele nasceu o padre falou assim, deixa ele chorar pra ver se é... O padre não, o médico. As menina diz que quando ele nasceu, a minha irmã perguntou, ô doutor, é homem ou mulher? O médico falou assim, peraí, deixa chorar pra ver se é gente. [risos]

CECÍLIA: É ruim... E aí aqui, nossa, é porque assim, quando a senhora conheceu meu avô, ele que trabalhava, né? A senhora parou de trabalhar pra cuidar das crianças, né? Das filhas. E aí quando que a senhora voltou a trabalhar? Porque aqui em São Paulo a senhora voltou a trabalhar.

DONA MARIA: Eu comecei a trabalhar, é para ajudar. As menina já tava grandinha, aí eu comecei a trabalhar. Aí fui trabalhar naquela fábrica de óleo. Naquela que a gente sempre passa na frente. Trabalhei dois anos ali.

CECÍLIA: Fazia o que lá?

DONA MARIA: Olha, na fábrica? Carregava caixa, enchia caminhão, tudo geral. Carregava caminhão, caminhão com as caixas vazias, com as caixas cheias de lata, porque naquele tempo o óleo era em lata, não era hoje como embalagem de plástico, né? Isso em 74, 1974. Verônica tinha 4 anos. Aí eu carregava caixa, carregava caminhão, descarregava, eu e as outras. Era uma firma com bastante mulher ali na, era Serinte. Aí trabalhei 2 ano na Serinte, fui mandada embora e comecei a trabalhar na Indoveu, na fábrica de veludo. Na mesma fábrica de veludo, tinha uma filial que prestava serviço para a Santista. Aí a gente trabalhava na Indoveu, na Copeiro, que chamava Copeiro, que a Santista mandava aquelas peças de roupa, assim, de 600 metros, 700. A gente limpava, tirava os nozinhos, tirava a linha, que às vezes no tecido vem uma linha mais grossa, né? A gente tirava — aquele monte de mulher, uma máquina enorme, tudo em máquina. A gente limpava, tirava aquelas linha, cortava tudo, mandava bem bonitinho para a Santista fazer os tecidos. Não, o tecido já estava feito, pra ela por os desenho, fazer assim tudo. Essa aí era a Copeiro. E na Induvel, que era a mesma, do mesmo dono, era na mesma rua, que a gente podia sair da calçada da Induvel, a gente entrava na Copeiro. E na Copeiro eu era carteneira, era, já vinha o veludo pronto, aí eu fazia as cartelas, separava as cores, vermelho, amarelo, toda cor. Fazia uma cartela, marcava azul 1, azul 2, azul 3 e... mandava pra eles, eles mandava pro Japão. Era importado. Eu ganhava razoável. Era...

VINICIUS: Eu lembrei de uma coisa agora, só que antes de fazer a pausa para a água, você ia contar da casa dos Matarazzo — Sim! — Que você foi trabalhar na Casa dos Matarazzos, é isso? — É, foi! — E isso foi antes ou depois da fábrica?

DONA MARIA: Foi depois. Comecei nas fábricas, foi. Comecei nas fábricas e depois foi que eu trabalhei, fazia café e limpava na casa dos Matarazzo. 30 cômodo...

CECÍLIA: Como que a senhora foi parar na casa deles? Como que foi isso?

DONA MARIA: Dos Matarazzo? Porque eu fui, ia nas agências de emprego. Eles tavam procurando alguém era, agência de emprego que tem pra limpar banco, pra limpar escritório. E eu fui trabalhar, é, como é que chama, era firma contratada, não é isso que chama contratada? Uma firma chamada Pires. Era Pires, que era só de limpeza. Só para fazer limpeza em escritório, em banco. Terceirizado. Terceirizado, isso. Terceirizado. Aí trabalhei dois anos com essa firma, que era Pires. Depois fui registrada na CBB, que é Companhia Brasileira de Publicidade. Mas antes trabalhava na Pires, que era serviço terceirizado. Aí depois o gerente gostou do meu serviço, o Dr. Armando Santana, que era o meu patrão, era Santana, Dr. Armando Santana, era o dono dessa firma, era CBP, Companhia Brasileira de Publicidade, que era na mansão Matarazzo. E eu até ganhei essa cortina, que ainda foi da Marisa, da Marisa Matarazzo.

CECÍLIA: Uau..

VINICIUS: Olha só, uma relíquia.

DONA MARIA: Foi o seu Ney, que era o gerente geral lá da casa, do serviço, eles foram, fizeram limparam a casa toda, e foi aquele monte de faxineiro para fazer aquelas faxinas pesadas, tirou as cortinas, todo aquele monte de cortina, ele me deu as cortinas todas. Todas ainda da Maísa.

CECÍLIA: Então você não trabalhou com a família, né?

DONA MARIA: Não, não. Não, não, não. A Maísa já tinha morrido. Nessa época a Maísa já tinha morrido. Eu conheci o irmão do, o cunhado dela. O cunhado dela ia sempre lá, falava do aluguel, e eu via sempre ele lá, Seu Não Sei O Que Matarazzo, um velho. Não tinha luxo nenhum, chegava lá de carro normal. Normal. Rico, podre de rico. Mas era discreto. Não era ostentador. No Jardim América, não sei se vocês conhecem. Conhecem. Conhecem, né? Que a gente trabalhava no Jardim América. Desse lado, a casa era como aqui, e do outro lado era a casa de um sobrinho ou primo de Paulo Maluf. E na frente da casa era, não, acho que ainda é o clube paulistano.

VINICIUS: Mas aí tinha uma assombração?

DONA MARIA: Tinha. Lá eu vi, um homem.

VINICIUS: E como que foi isso?

DONA MARIA: Foi assim, eu tava lá, fazia café, de manhã fazia o café e fazia a limpeza. Aí era já mais ou menos umas oito e meia, nove horas da noite, eu estava limpando com a cabeça baixa,

passando o aspirador. Ave Maria, passando o aspirador, ixe... Aí parei um pouco pra levantar a coluna, pra descansar um pouco, tinha um homem, como aí na porta, olhando pra mim. Calça azul, camisa branca dobrada aqui, ó. Camisa branca dobrada e o cabelo bem liso, o cabelo preto penteado assim. E bem penteado. Quando eu bati os olhos nele, ele também, aí ele entrou na sala de reunião. Aí eu fui atrás. Fui atrás, cheguei na sala, aí eu falei, eu estava limpando o corredor, era bem grande a casa, bem grande, tinha dormitório desse lado e desse, tinha aquele corredor no meio, parecia navio, tinha aquele corredor no meio, aí eu falei, e Nilza, eu passava o aspirador e Nilza catava o lixo. Aí eu falei, Nilza! Vem cá! Corre, tem um homem aqui! — Olha gente, a gente olhou todas as cortinas, limpemos tudo, fizemos, e eu estava com as duas chaves, a chave do portão e a chave da casa, tava no meu bolso.

VINICIUS: Então não tinha como...

DONA MARIA: Não tinha como entrar ninguém. Não tinha como entrar ninguém. E tinha um cachorro, misericórdia, quase da altura dessa televisão. Um cachorro enorme que não entrava nem pensamento. Era demais, ele era acostumado com a gente. Era Sheik.

VINICIUS: Ufa! Que bom que tava acostumado [risos]

DONA MARIA: Era [risos] o nome do cachorro. Era Sheik. O cachorro era do Eduardo. O filho do velho. Que esse Eduardo até hoje ele é dono daquela companhia de ônibus Pássaro Marrom. Já viu falar? Ou conhece, então, a gente procuremo em tudo, tudo e tudo e não achamos. Esse homem não... Era, era uma assombração. A casa era tão assombrada, tão atribulada, gente, que eu chegava lá, eu entrava seis horas da manhã. Eu saía daqui, eu pegava o ônibus, eu saía daqui, eu pegava o primeiro trem. De 4h20, eu tinha que pegar o trem de 4h20.

CECÍLIA: A senhora tava morando nessa casa aqui?

DONA MARIA: Já. Eu pegava o trem de 4h20, descia na Leopoldina e pegava o Lago da Concórdia, o ônibus, que naquele tempo era o ônibus da CNTC. Não sei se ainda tem. Sei nem se ainda tem essas empresas, você chegou a conhecer o ônibus elétrico. Conheceu, né? Então, eu pegava esse ônibus, era elétrico, passava na Rua Colômbia mesmo, aí eu descia na Colômbia e era bem na porta da casa, na calçada da mansão era o ponto.

CECÍLIA: Mas ce falou que era tão assombrada, tão assombrada que...?

DONA MARIA: Era tão assombrada que tinha vez que eu chegava de manhã, quando eu abria a porta, eu sentia! Uma pessoa atrás de mim. Eu sentia mesmo, que quando eu passava até chegar na cozinha, passava no banheiro, chegava, abria uma porta assim, uma porta dessas portas que abre e fecha por ela mesma, sim, aí eu via, olha, eu via a porta fechar, eu via mexer nos... Que aquele tempo tinha aqueles telefones desse tamanho, agora não lembro, PHC...? Não sei como era o nome daqueles telefone.

VINICIUS: Os fax, assim?

DONA MARIA: Não, não era fax não. CBAP? CPAB, uma coisa assim, que era o secretário, que era a secretária PABC, acho que era PABC, eu via mexendo, eu via dando descarga, via o barulho da descarga, mas eu não tinha medo não. Eu precisava tanto daquele serviço que eu não podia ter medo. Eu precisava tanto, tanto.

CECÍLIA: E foi lá que teve até uma vez que a senhora já tinha, eu acho que foi lá, que a senhora já tinha fechado tudo, acho que a senhora ia fechar, aí quando olhou a janela, acho que estava acesa.

DONA MARIA: Tudo aceso! Todas luz acesa... E o Dr Armando Santana, ele não acreditava, ele era um velho ruim, bem estúpido, ele era mal educado, ele era estúpido. Aí esse dia, foi bom porque ele viu também. Esse dia, a gente limpamos tudo e descemos junto com ele. Ele descendo na nossa frente. Tinha a escada dos empregados, claro, e tinha aquela escada bonita de mármore, com aquela, como é que chama, corrimão de...? Que nós limpava com... parecia ouro.

VINICIUS: Um latão assim, dourado.

DONA MARIA: Sim, que nós limpava com aquele negócio que limpa prata, ficava brilhando. Mas nós descemos, como nós estávamos com o saco de lixo, a gente desceu por ali porque a sala da recepção estava acesa, aí a gente apagamos tudo. O Dr Armando saiu, apagou a luz do quarto da sala dele, a gente apagamos tudo e descemos tudo junto. O Dr Armando na frente, eu e a Nilza. A gente descemos, quando a gente chegamos em baixo, na recepção,

que olhava pra cima estavam todas as luzes acesas... Eu falei, eu não vou apagar, eu não vou apagar. A Nilza falou, eu também não. Pensa que o velho foi apagar? Ele que não acreditava. Ele que não acreditava. Oxente, ele abriu a porta e, ó, tchau. Tchau. Boa noite. Falei, eu não vou subir nunca, Deus me livre! — Aí a Nilza falou, eu também não, Maria, pelo amor de Deus! — Aí a gente saímo cá pelo quintal. Eu falei, vou nada. Era muito... Quando foi no outro dia, que a gente viu esse homem, no outro dia eu falei pra Deus e o mundo, pra todos os trabalhadores, funcionários da casa, né? Aí o Chico, que era o caseiro, falou que estava cansado de ver aquele homem.

CECÍLIA: Olha...

DONA MARIA: E Silvério, o Chico era caseiro, mas Silvério era funcionário da CBP, Companhia Brasileira de Publicidade. CBP. CBP. O Silvério era funcionário, funcionário velho, um velho respeitado, todo mundo gostava dele, era muito legal. Ele falou que também já tinha visto. Eu falei, eu acho que era alguém da família Matarazzo.

VINICIUS: Deve ser, que não superou alguma coisa.

DONA MARIA: Que não superou alguma coisa, que veio e que, eu acho que desse povo bem grudado à riqueza, a dinheiro, né? Porque a casa era grande, era bonita. Era uma mansão bonita, muito bonita, com aquelas janelas, na frente tinha uma área bem grande, com aquelas portas, muito casa antiga, sabe? Bonitona mesmo. Olha, aí tinha a casa, a mansão da Maísa, a casa do parente de Paulo Maluf e a outra já era a Rua Estados Unidos, que em continuação é a Rua Augusta. Era ali mesmo. Era... e era assim. E eu não podia, eu não tinha medo. Nem tinha medo e nem podia ter medo. Eu estava pagando um carnê dessa grossura de material da casa.

CECÍLIA: O Vô que construiu essa casa?

DONA MARIA: Não, reformou.

VINICIUS: Vocês chegaram e já tinha a casa?

DONA MARIA: Já. Já era tudo... Era igual essa daqui, essa do lado. É, a hora que você sair você dá uma olhada como é essa daí.

CECÍLIA: Eu lembro como era essa antes dessa reforma, né? Eu lembro. Mas eu sei que ela já tinha sido reformada.

DONA MARIA: Já tinha sido reformada. Bastante.

CECÍLIA: A Tia Lolo e o Tio Dan nasceram aqui.?

DONA MARIA: Não, só o Daniel, Verônica nasceu em Rochdale.

CECÍLIA: Eles moraram no Rochdale antes de vir para cá. As meninas contam muito a história do Rochdale, né? Que alagava...

DONA MARIA: E Nana também não era gente, acho que puxou pra mim porque era... [risos]... avião.

CECÍLIA: Porque ela e meu avô iam trabalhar, e as meninas ficavam o dia todo, né? Uma cuidando da outra, uma criança cuidando da outra. Então já viu, era uma bagunça. E vó, quando você estava aqui já em São Paulo, assim, eu sei que em São Paulo tinha mais dinheiro, né? Tinha casa melhor, tinha garrafa térmica, tinha almofada, tinha um monte de coisa que não tinha lá no Recife, lá em Manacaru, lá em Burarema, enfim. Mas a senhora sentia saudade de alguma forma?

DONA MARIA: Da minha...?

CECÍLIA: É, da prima, de Dita...

DONA MARIA: Sim! Ainda hoje sinto. De Maria Helena. Sinto, ainda hoje sinto. E a gente era tão inocente, não tinha maldade com nada, brincava, tudo era brinquedo, né? Era legal aquela vidinha da gente. Eu não vou dizer que a gente passava fome, pra falar a verdade, Vinicius, a gente não sabia nem o que era fome. Tinha noite, lá no Mandacaru, meu irmão Beijo, Beijo ele falava, mamãe, o que que nós vamos comer amanhã? — Não tinha. Olha esse passarinzinho, que eu falei, que ia com a gente, era Ita, mamãe matou pra comer. Agora, me diga, um passarinho pra quatro pessoas. Do tamanho de um sabiá.

VINICIUS: Nossa.

DONA MARIA: É, do tamanho de um sabiá. Que se você for ver no telefone, procurar um passarinho, procurar um dia, procurar um juriti, aí você vai ver, é do tamanho de um sabiá.

VINICIUS: Eu já, eu conheço. Passarinho pequenininho.

DONA MARIA: Conhece sabiá, né?

VINICIUS: Uhum.

CECÍLIA: Ele fez biologia, vó.

DONA MARIA: Olha que legal! ...Então, aí, quando a gente chegou em casa, era tão bonitinha ela, Cecília... Era como se a gente tivesse tudo brincando aqui na sala, ela chegava e ficava, *tchi-tchi-tchi*, *tchi-tchi-tchi*. Com aquela, sabe, batendo as asinhas, depois voava, ficava no seu ombro, do seu ombro ela voava pra mim. Era bonitinha.

VINICIUS: Era... amiga?

DONA MARIA: Era amiga! Quando a gente cheguelmo em casa... mamãe não deixou — quando a gente saiu, a gente não desconfiou. Ela falou que Ita não ia, era Ita. o nome do passarinho, da juriti. Quando a gente cheguelmo em casa, procuremo Ita, aí a Bebê, Bebê minha irmã, falou que mamãe tinha matado para nós comer. Eu falei, meu Deus do céu, hoje eu fico pensando — mas um passarinho?! Pra quatro pessoas... Cê acha? Eu não sei se vai comer umas penas. Comer o bico...

CECÍLIA Mas comeram...

DONA MARIA: Comemo...

CECÍLIA: ...Porque tavam com fome.

DONA MARIA: Ai... Tudo tinha nome, tudo era engraçado. Tudo tinha nome, a passarinha era Ita, tinha o jumento chamado Doro, a cabra chamava Laura, a cabra era Nêga, isso era em Aldeia. A gente tinha uma cabra, a cabra era preta, bonitinha, era Nêga. Aí a cabra deu cria, duas cabritinhas, aí a gente pusemo o nome, Laura e Laureci. Era Laura e Laureci. Legal, tudo, tudo tinha nome, aí a gente chamava pelo nome e eles vinha, era muito bom. Às vezes eu sinto saudade.

CECÍLIA: E a Tita, a senhora nunca mais viu?

DONA MARIA: Não, a Tita mora aqui, na Ilha Maria. É, mas eu nunca mais vi, faz tempo. Eu vi a Tita no ano 2000, que eu fui, o meu primo, Dudé, o irmão de Tita, quando a gente foi lá em Caruaru, aí eu trouxe umas coisas que ele mandou para ela, que é irmão dela. Aí eu fui levar lá, na casa dela, ela tem um casarão, um sobrado, do tamanho desse. A Tita... E elas passavam mal que nem a gente. Outro dia também lá, ainda no Matararu, né? A gente chama, aqui chama pipoca. E já tem a pipoca pronta, né? Mas lá a gente torrava o milho. Fazia o milho, torrava, né? Fazia numa panela, numa panela de barro. A minha irmã mais velha que fazia. E um dia a gente estava fazendo pipoca e a gente estava comendo pipoca, passou um homem pedindo esmola. Aí, a finada Nena, a minha irmã que morreu, deu para ele um potinho com pipoca já pronta e deu com milho para ainda fazer. Aí ele ficou tão contente que ele falou, — Ai! Muito obrigado pelo já torrado, porque o cru não deu trabalho — [risos] A gente guardemo isso. Eu me lembro de tanta coisa, de tanta coisa.

VINICIUS: Eu fiquei com uma pergunta também agora... Você contou que com 10 anos você foi vestir um sapato pela primeira vez. E aí vindo, óbvio que em Recife você já tinha visto muita coisa, mas teve alguma coisa que te chamou atenção quando você veio pra São Paulo? [Não...] De alguma coisa que você nunca tinha visto? Ou até mesmo quando você foi pra Recife? Alguma coisa que te chamou muito a atenção?

DONA MARIA: [São Paulo] Não. Ah, no Recife quando eu saí da casa de meu pai, em Burarema, que eu fui pra Recife, pra casa de Dona Maria José, ave Maria, tive uma aula! Porque lá as empregada andava pra não fazer barulho, misericórdia, e eu era crua! Sabe, eu era caipirona. Caipirona do mato mesmo. Bruta, meu Deus do céu. Ignorante, era ignorante. Era ignorante, não sabia andar, não tinha jeito para andar, falava gritando, comia com a boca aberta, era assim. E tudo eu aprendi lá. Na casa de Dona Maria José eu andava direito, tinha que andar direito e eu andava [barulho de sapato no chão] Pesando no chão. Era aquele andar mesmo. Pesando pela casa. *Tu, tu, tu, tu*. E lá não, lá era tudo finesse.

VINICIUS: E você já tinha visto um casarão igual?

DONA MARIA: Da Dona Maria José? Não. Eu vi, assim, porque a gente já estava na usina...

VINICIUS: Na usina já tinha esse glamour?

DONA MARIA: Já tinha, porque quando a gente ia pra feira, pra usina, a gente via de longe a casa

dela, o chalé... Chama chalé, que era bem grande, acho que uns dois quarteirão, bem grande, muito grande mesmo, aí tinha um jardim enorme na frente e tinha uma horta bem grande, meu pai era trabalhador, trabalhava na horta, aí tinha manga, banana, laranja, tem uma fruta chamada fruta pão, não sei se vocês já viram falar, jenipapo, pinha, que às vezes chamam fruta do conde, não sei qual é a diferença. Tinha de tudo quanto é fruta lá na usina, né? Então era bem grande. Então a gente, da nossa casa, que era no alto, assim, de Aldeia, a gente via a boniteza do chalé. Então, eu já tinha visto tudo isso. Depois, fui para a casa dela, aí lá eu fui domesticada [risos] Aprendi a falar baixo, aprendi a comer com a boca fechada, aprendi a comer de talher, que eu não sabia, só comia de colher. E cuspi no chão. Tudo isso aprendi. Ela não ensinava, não, já queria a gente ensinada. Era a Madrinha Camila, a governanta, que falava o que tava errado, o que tava certo. Era a governanta. A Madrinha Camila foi uma das empregadas que tinham sido compradas. Foi comprada ela, a Madrinha Camila, a cozinheira e a lavadeira, que era a Dona Mara. Tanto que a Dona Mara chamava ela de sinhá, ela não gostava que — A Dona Maria José não gostava que chamasse ela de sinhá. E Dona Mara, a lavadeira, chamava ela de sinhá, chamava a Dona Maria José de sinhá. E era pra falar Maria José, ela falava que Maria era nome de pobre, era Maria José. E os netos, todo mundo a gente chamava nome e sobrenome. Era Armando Neto, mesmo criança. Era Armando Neto, José Múcio, Humberto Filho, Dr Armando, que nós não falava com ele não, mas se por acaso!! Era pra chamar Dr Armando Monteiro, Dr Múcio Monteiro, Dr Rômulo Monteiro, tudo era doutor. Todos eles. Então, era tudo com nome e sobrenome.

CECÍLIA: Rico tem sobrenome, né?

DONA MARIA: É, só os pobre que não. Então, ela falava, chamasse Maria, ela falava que Maria era nome de pobre.

CECÍLIA: E a senhora...

DONA MARIA: Eu pensava, lhe conheço, véia chata. [risos] Mesmo na casa dela, eu fazia minhas arte, era demais... Meu Jesus Cristo... Vou te contar, porque essa da hóstia... Teve noite que eu fiquei pensando, meu Deus, como eu tive sorte, o padre Olegário nunca me dedou! Nunca falou olha, Dona Maria José, eu trouxe tantas hóstia, elas some! Aí era direto, que ela sabia que era eu que arrumava os quarto. É...

CECÍLIA: Ó vó, e quando a senhora era pequena, pequena de tudo, a senhora já sonhou, já desejou, já pensou que um dia pudesse, sei lá, entrar num navio daqueles?

DONA MARIA: Não.

CECÍLIA: Num cruzeiro?

DONA MARIA: É, que eu achava tão lindo.

CECÍLIA: Ir pra Brasília?

DONA MARIA: Ir pra Brasília, conhecer a terra de Juscelino. Não, nunca pensei.

CECÍLIA: Quando Juscelino cumprimentou a senhora na cozinha, lá da casa de Dona Maria José, a senhora já imaginou que ia visitar o museu dele, que a sua filha ia trabalhar, ia se criar, ia ter seu emprego, ia ter carro, ia casar, ia te levar pra viajar, tudo isso.

DONA MARIA: É, nunca pensei... Já pensou, que legal... E quando a gente estava lá no cais, olhando os navios... Ah! O Dr Armando, que era ministro da agricultura, que era filho de Dona Maria José, ele tinha uma irmã. Você já viu falar no governador de Pernambuco chamado Agamenon? Agamenon Magalhães? Era governador de Pernambuco. E a mulher desse ministro da agricultura era filha do governador de Pernambuco. Então era tudo rico com rico. Era tudo rico com rico. E ela andava muito de navio. Ela falava que no navio você tomava café com uma roupa, você não podia almoçar com aquela mesma roupa. E pra jantar tinha que apresentar com uma terceira roupa. Com uma terceira roupa. Os homens tudo de terno, de paletó e gravata. E as mulheres tudo de braço dado com os maridos. Pra sentar na mesa no restaurante dos navios. Era assim. Olha, e hoje, no navio que a gente tava, era, a gente tava num lugar chique. No lugar chique. Olha, bermuda, chinelo de dedo, que, nem tava nem aí. [risos] Que legal!

CECÍLIA: É mais legal, é.

DONA MARIA: É mais legal, ce já pensou? Tem que estar com o sapato alto, aí ela tem que trocar de

roupa, tem que trocar de roupa. Uma roupa pra tomar café, uma roupa pra almoçar.

VINICIUS: Toma um cafezinho, só que tem que trocar de roupa. Aí lá à noite, tem que trocar de roupa.

DONA MARIA: Tem que trocar de roupa, já pensou? E, não, menino, francamente, era muito, era muita coisa naquele tempo, né?

CECÍLIA: Era muita coisa...

DONA MARIA: E a 60 anos atrás, né? Mais ou menos 60 anos atrás. E ela só andava de avião ou navio, tanto a Maria José, tanto toda a raça dela. E outra coisa, o Dr Armando, todos os móveis da casa dele era tudo vindo da Alemanha. Não tinha um daqui que ele comprasse no Brasil, até os carros. Até os carros eram tudo da Alemanha, vinha tudo de navio.

CECÍLIA: E quem contava isso para você, que os móveis dele eram da Alemanha?

DONA MARIA: A gente via quando chegava aquele povo pra todo lado, tanta gente chique, que a gente não chegava a perder. Na mesa, quando a gente ia servir a mesa, a gente ficava naqueles biombo, é biombo que chama? A gente ficava assim. Atrás, atrás. Quando eles precisavam de alguma coisa, eles tocavam o sirene. Se fosse aí, pronto, você não podia — tinha o lado. Você tinha que estar no lado certo, eu não podia chegar de frente com você.

[PAUSA]

VINICIUS: Onde que a gente tava? Aí cê tava falando de servir o pessoal...

CECÍLIA: É, ficava atrás do biombo.

DONA MARIA: Ficava atrás do biombo.

CECÍLIA: Você não podia chegar de frente?

DONA MARIA: Não, não podia, não.

VINICIUS: Tinha que chegar pela lateral?

DONA MARIA: É, eu chegava e tinha o lado certo pra gente servir. Aí eu chegava, como se eu fosse falar com ele, com o menino aqui, eu entregava as coisas pra ele. Se por acaso eu fosse entregar pra você, eu não podia passar aqui, eu tinha que dar a volta e falar com você aí. E se por acaso ela quisesse falar com a gente sem chamar, ela chamava pelo meu nome e falava no meu ouvido. Era assim, e tudo isso era na casa da Dona Monteiro.

CECÍLIA: Dona Monteiro?

DONA MARIA: Maria José Monteiro, era o nome dela. Mas foi bom, eu aprendi muita coisa, me educou. Me educou, eu não tinha educação, quer dizer, não sabia andar, era chucra.

CECÍLIA: Era bronca.

DONA MARIA: Era bronca. Não sabia andar, não sabia falar.

CECÍLIA: Senhora não sabia comer de boca fechada, comer de boca fechada é o mais...

DONA MARIA: Se alguém falasse comigo que eu não gostasse, ah, vai tomar banho, cê é besta. Eu pego você de murro. [risos] Era assim.

CECÍLIA: [risos] Aí aprendeu que não podia falar assim.

DONA MARIA: É... Ah, larga de ser besta, eu pego você de murro. Era, era assim. E lá não, lá era no cabresto. Educada, tem que educar. Chamou a gente de sem raciocínio. Mas a gente tinha tanto medo, não sabia nem o que era raciocínio. Muitas coisas Armando Neto ensinava pra gente.

CECÍLIA: E os netos da Maria José, eles ficavam com vocês?

DONA MARIA: Ficavam. Aí quando eu já estava lá, já fazia uns 4, 5 anos que eu era cozinheira, cozinheira mesmo, uma cozinheira bem fina. Eu cozinhasse muito bem.

CECÍLIA: Eu acredito, vó! A senhora ainda cozinha muito bem.

VINICIUS: É, o almoço tava uma delícia.

DONA MARIA: Aí eu passava o bife, aqueles bife de filé mignon, que era só o que ela comprava, as peças de filé mignon. Comprava o filé mignon. Se o almoço fosse com filé, ou fosse colchão duro, carne de panela, conforme fosse o almoço, quando era bife, aí eu passava o bife, quando tava perto dela vir — ela não ficava em casa, não. Ela saía com as amigas dela para jogar. Ela jogava muito, não sei que jogo que era. Ia muito no cabeleireiro, no salão chamado Seu Pascual, que tinha em Boa Viagem, que era só pra quem era rico. Era o Salão de São Pascual. Era um prédio lindo que tinha na beira-mar mesmo, na

avenida da beira-mar. Era Avenida Boa Viagem o nome da avenida. Que ainda hoje é, eu acho. Eu acho. Aí ela falava que quantas pessoas iam para o almoço, para nós fazer almoço pra tantas pessoas que iam almoçar. A copeira já tinha feito a sobremesa, tinha a mesa com a sobremesa que só Zefa, Zefa era a que fazia a sobremesa e quem levava a sobremesa e mostrava para ela. Então, aí ela falava quantas pessoas iam para preparar os pratinhos de sobremesa, guardanapo de linho.

CECÍLIA: Ó... Guardanapo! Limpar a boca no linho.

DONA MARIA: De linho. Diariamente, o talher de todo dia era de prata. Quando tinha visita era talher de ouro! Era ouro! Faqueiro de ouro.

CECÍLIA: Eu acredito, uma casa que Fidel ia, que o Juscelino ia.

DONA MARIA: Ela é de ouro mesmo. Ela tinha uma garrafa térmica de ouro.

CECÍLIA: Óia... Pra que também, né?

DONA MARIA: Pra que... Morreu, ficou tudo, né?

[Risos]

DONA MARIA: É, morreu, ficou tudo, cadê que não levou nada. Não é verdade? Era um povo muito rico, muito. E, meu Deus, eu acostumada não tinha visto nada. Cecília, mais menino, eu não sabia nem o que era vaso sanitário! Pra você ter uma ideia. A gente acostumado a correr pro mato, eu lá sabia? Aquela coisa de louça... Eita, chique pra caramba.

CECÍLIA: Com água dentro ainda.

DONA MARIA: Com água dentro. Meu Deus. Eita, que legal. O que é isso? Meu Deus do céu, pra quê? A banheira! A banheira! Pra quem pulava dentro do riacho com roupa e tudo? Banheira era demais, era muito chique aquele povo.

CECÍLIA: Até chuveiro mesmo, né?

DONA MARIA: Era...

VINICIUS: Imagino que espelho, devia ter uns espelhos maravilhosos. — Espelho muito, chuveiro, meu Deus, banheiro, azulejo de toda cor, aqueles vasos sanitários bonitos, ah, como é que chama? O box, né? O box de vidro que a gente ficava, eu que nunca tinha visto, saí do buraco do cu do Judas, a gente tuda, todas as empregadas. Todas era, todas, eu estou falando da minha parte, porque todas nós tínhamos saído de lá do meio do engenho, da pobreza. Da pobreza extrema.

CECÍLIA: Se fossem um pouco mais velhas do que eram, tinham sido compradas, igual as outras.

DONA MARIA: É, igual as outras. Mas, mesmo assim, depois que eu me acostumei, que peguei bem o hábito da casa, aprendi a andar, aprendi a falar baixo, aprendi a andar, aprendi a falar baixo, aprendi a comer de boca fechada, aprendi não cuspir no chão. Que eu cuspi no chão também.

CECÍLIA: Não falar que vai bater nos outros...

DONA MARIA: Não falar que vai dar murro nos outros. — Eu te dou um murro, dou um murro na sua cara! É sua mãe! — Não levava desaforo! Era uma coisa... de jeito nenhum. Aí fui domesticada, ói, passei pela moinha. Mas memo assim, era legal. Eu gostava, me acostumei lá, né? Pelo menos saí da palha da cana.

CECÍLIA: Sim.

DONA MARIA: Que o braço da gente era todo cortado da palha da cana. Porque a cana tem um, a palha dela tem aquele pelinho afiado, aquele, né? E aquilo ali cortava a gente. Era demais. Era horrível. Uma infância bem... Aí hoje eu fico pensando, meu Deus do céu, quando eu ficava olhando o navio, que era a coisa mais bonita que eu achava era o apito do navio. Me dava uma saudade, aí, às vezes, eu não sei se eram os manobristas que saíam, pegavam o navio e saía andando assim, pequeno, baixinho, devagar. Ali no mar, a gente ficava olhando. Ou então, na casa dela mesmo, na casa da dona Maria José, na praia, longe, a gente via os navios longe. Como a gente vê em São Sebastião? Sim. Aí eu falava, olha que navio bonito. Quem diria, né, Cecília? Quem diria andar num navio desse? Quem diria... vou te dizer, viu, a vida tem surpresa. E quando era pequena, só não comia terra porque não dava pra comer. Na Bíblia tem um versículo que diz assim, ó, no livro de Jeremias, bom é para o homem suportar o

julgo na sua mocidade. Foi o que aconteceu comigo. E com a minhas irmãs. Comigo e com a minhas irmãs. Porque... a Ná não, a Ná era uma besta. Não saía não, tinha dinheiro, e o marido dela ganhava bem. Não saía, vivia ali. Não aproveitava! Morreu e nunca viajou, era só daqui para Caruaru. Não saiu para lugar nenhum, nenhum, nenhum! E começou a ir para a praia quando a Nana comprou aquele apartamento. Três, duas, três vezes. Três, quatro vezes. Não, acho que Nana levou ela. Ela ficava admirada, admirada de ver o mar. Mas não ia porque não sei. O Irmão João o negócio dele era Caruaru. Caruaru não tem praia nem em sonho. É muitíssimo longe, né? Porque no agreste não tem praia. Agora é, Maria Helena aproveitou também. Eu acho que Maria Helena, lá no Nordeste, Maria Helena, acho que ela sai mais que eu. Porque o menino, Lúcia, a filha dela trabalhava, e ela cuidava dos menino de Lúcia. Lúcia tinha dois meninos, Tiago e Diego. E Diego casou. Maria Helena cuidava deles até Lúcia se aposentar. Quando Diego casou, ele fez faculdade na... também! Na USP do Recife. Ele saiu de Rio Formoso e foi morar no negócio lá da USP, como é que chama, não sei. É, tem o dormitório lá. Sim, que as pessoas moram. É, moradia, pras pessoas que moram longe, né? Então, o Diego se formou lá na USP de professor. Aí não gostou, aí fez curso, passou no Banco do Brasil. Aí trabalha no Banco do Brasil há muitos anos que ele trabalha no Banco do Brasil.

CECÍLIA: Olha só, bom. Aí ele deve ganhar bem.

DONA MARIA: Muitos anos que ele trabalha no banco do Brasil... Ganha. Aí pra onde ele vai, ele leva Maria Helena.

CECÍLIA: Legal, ela aproveita.

DONA MARIA: Ela aproveita.

CECÍLIA: É, igual você e a Tia Nana.

DONA MARIA: [risos] É, pra onde Nana vai eu...

CECÍLIA: Só que a Tia Nana não trabalha no banco do Brasil, acho que ela ganha um pouquinho menos [risos]. Mas, é, quem diria, né vó? Quem diria mesmo? Que ia pra Brasília, ia ficar no hotel chique.

DONA MARIA: No hotel chique.

CECÍLIA: Essas coisas que a gente só vê, né?

DONA MARIA: É verdade... Tanto ator da Globo...

VINICIUS: Quando você via, você falou que você gosta muito da buzina dos navios...

DONA MARIA: Dos navio.

VINICIUS:: Quando você sentava lá em Recife, que você ouvia as buzinas, que você gostava de sentar lá, você tinha vontade de estar num navio? Isso passava pela sua cabeça?

DONA MARIA: Não. Eu achava, falava que era tanta coisa que eu nunca ia chegar e estar num navio. Eu achava que não era pra mim, que era... Era chique demais. Não era pra mim, não. Aquele navio com aquele ronco. — *ÓÓÓÓÔN* — Bonito, né? Lindo. Tem aqui. Muito bonito. Tem gravado. Mas, achava lindo. Nunca pensei de entrar num navio. E quando já estava dentro, aquela piscina linda. Cecília, eu calculo que a piscina era quase... A piscina o tobobô. É tobobô? Tobogã, sim, aquele monte de criança brincando, aquele monte de moça! De noite tinha show, tinha festa, tinha um salão de festa, tinha um teatro. Tinha um salão de teatro, tinha tudo. A gente fiquemo um pouco no salão de festa, que tava um rapaz, um cantor imitando Sidney Magal, Nana mais Valquiria dançaram foi muito, eu mais Rogério fiquemo segurando a bolsa delas. E elas dançando. Muito lindo. Depois a gente ia lá para o nosso quarto, tinha uma cabine, né? A gente ia para a nossa cabine, podia ficar na áreazinha que tinha uma área, uma sacada. A gente ficava na sacada, mas escuro, escuro, que você não via nada. Um breu, um breu. A gente só via as estrelas, aquela coisa mais linda, mas não clareava. Não clareava. Puxa, mas aí eu falei, caramba, meu Deus, quem diria? Quem

diria? Que bênção. Muita bênção. Aí em Brasília, eita, eu falei, Brasília, puxa, aqui que morou Juscelino. E eu tô aqui. Ah, eu vou no Museu do Juscelino! — Mãe, não pode, mãe. O nosso passeio, o nosso passeio que chama? O nosso pacote, o nosso pacote não fala, mãe, de visitar o museu — Eu digo, mas, oxe, eu tô aqui. Eu tô aqui, não vê? Mas nem que eu tenha que pagar! É, ué. Ou então vocês vão, eu fico. Mas eu não, eu já vim até Brasília! E não vou vê o museu do Juscelino? Ah, vou. Aí ela falou

com a moça, a moça foi lá, juntou lá, falou com o rapaz. Aí Rogério foi ver a igreja, que é linda. É tão bonita a igreja. O coisa também que é o... Garrincha. O estádio de jogar, do futebol, é bonito também. Muito, muito bonito. E a igreja católica é tão bonita, gente. Tão linda. Eu não entrei, quem entrou foi Rogério e Antônio. Eu falei, não entro em igreja católica, não. Dá azar. [risos] Não entrei, não.

CECÍLIA: E a senhora que foi criada católica quando era bem criança, né?

DONA MARIA: Era.

CECÍLIA: Quando que foi que a senhora deixou de ser católica? O que aconteceu?

DONA MARIA: Irmão João. A Ná mais Irmão João foram crente, aí começou a falar pra mim, e fala, e fala, aí fui na igreja, aceitei e tô lá há 44 anos.

CECÍLIA: Qual a igreja que a senhora frequenta?

DONA MARIA: Assembleia, Assembleia de Deus do Ministério do Belém. Não sei se ceis já viu falar. 44 anos.

CECÍLIA: É, é famosa, é uma personalidade da igreja já a essa altura, né.

DONA MARIA: Não [risos] De vez em quando o pastor me chama de pastora. [risos] É a pastora — Irmã Socorro, isso e isso, é a pastora! — Eu digo não, não sou pastora não...

CECÍLIA: E quando a senhora conhece o meu avô, ele não era da igreja, né?

DONA MARIA: Nunca foi.

CECÍLIA: Inclusive ele era até da Umbanda, não é?

DONA MARIA: Era. Ele, Verônica. Não, Verônica era pequena. Era ele, Joca e Santa que ia no terreiro. E a Ná, Ná era mesmo da pá virada. Antes de virar evangélica, a Ná e o Irmão João tocavam aquele negócio. Atabaque, é. E a Ná girava mesmo. Era. E Santa também. E Joca.

CECÍLIA: Mas a senhora ainda não era crente?

DONA MARIA: Não, não era. Também nunca deu vontade de entrar na Umbanda. Eu ia assistir. Ficava lá nos banco.

CECÍLIA: E achava o quê?

DONA MARIA: Não achava nada. Não, Hugo fez de tudo o que pôde e não deu certo. Não, eu não queria. Não queria, não era minha praia.

CECÍLIA: E aí ele saiu também, né?

DONA MARIA: Ele saiu, ficou um tempo na Universal. Mas os crentes da Universal só querem enricar. Só querem enricar, porque naquela igreja só se fala em dinheiro. — Ai, eu não tinha isso, não tinha aquilo, não tinha aquilo outro, hoje eu tenho minha casa, hoje eu tenho meu carro. — É, só fala disso, você não vê que fala — Ai, Jesus me salvou — Não, é hoje eu tenho meu carro, hoje eu tenho minha empresa, hoje eu tenho não sei o quê. Aí ele queria isso também, enricar, comprar um carro bom e tudo. Não enricou, saiu. A gente saiu devendo. Deveu tanto que foi preciso vender o carro pra pagar as contas que devia. Mas foi assim, a minha infância foi assim. Foi legal. Agora, a Ná era quieta, Santa também. Era eu.

CECÍLIA: É!

VINICIUS: Você é super jovial.

DONA MARIA: [risos] Ah, que é isso?

VINICIUS: Tem energia, tá aqui falando.

CECÍLIA: É, você tá ótima. A senhora que é a manda-chuva.

DONA MARIA: Ixi, meu Deus do céu. Eu só sei que era assim, rapai. Foi muito bacana, tanto em Caruaru. Em Burarema, Eldorado, nós moramos em três engenhos. O primeiro foi Aldeia. O segundo foi Burarema e o terceiro é Eldorado. Eldorado foi onde saiu todo mundo. Terminou o papai sozinho, que foi morar com Maria Helena. Tudo a gente aprendemos, né? Agora, o Joca não sai nem pra, eu acho que o Joca não conhece nem São Paulo.

CECÍLIA: O Joca mora onde?

DONA MARIA: Aqui na Vila Crete.

CECÍLIA: E Beijo?

DONA MARIA: Beijo morava no Novo Horizonte, que morreu, né? Você foi no enterro dele? Foi. 2015.

CECÍLIA: Nossa, eu não sei porque que eu não fui.

DONA MARIA: Muito legal...

CECÍLIA: O que aconteceu com ele? Morreu do que?

DONA MARIA: Câncer na cabeça. Ele levou um tombo.

CECÍLIA: As meninas foram tudo? Eu não lembro.

DONA MARIA: Nós daqui fomos. Ele levou um tombo e ele sentiu uma... Depois, que estava chovendo. — Ele tem um sítio, em Calcaia, ele tinha comprado um sítio, estava fazendo a casinha, tinha galinha, pato, cabra. E um dia estava chovendo, ele foi pôr, não sei se foi a galinha, não sei se foi, só sei que ele escorregou e bateu a cabeça. Aí ficou sentindo uma dor de cabeça e ele disse que tinha hora que parece que tinha um bichinho andando por dentro. Aí ele disse que sentia aquelas cócegas, sabe? Ele coçava, coçava, coçava, mas era por dentro. Aí ele começou a sentir dor de cabeça, muita dor, forte, aí os menino levaram ele aqui no pronto socorro da Vila Dirce, o médico desconfiou e mandou ele para um sanatorinho, fazer uma tomografia. Na tomografia deu. Câncer. Tão avançado que ele não ficou nem 20 dias. Eu estava em Caraguá. Mas eu vim, nós vínhamos correndo. Era muito legal, muito legal. Eu mandava ele, tanto ele...

[Risos]

VINICIUS: Esse era o legal, né?

DONA MARIA: É! [risos] Era legal, esse que era o legal, eu mandava. — Faz assim, Joca! Vai, Beijo! — Ai, Socorro... — Vai, vai, vai! Vem aqui! — Até com Santa, ai, Socorro... — Vai, vai! Larga de ser besta! Vai, senão eu te empurro! — [risos] Aí ela ia, né, tinha que ir.

CECÍLIA: [Risos] Ninguém podia com a senhora!

DONA MARIA: Ai... Meu Deus do céu. Aí eu fui pensando, mas meu Deus, como eu era ruim. Jesus, me perdoe [risos] Ai, mas o que eu mais tenho dó é do velho cego.

CECÍLIA: É, que você jogava pedra.

DONA MARIA: Jogava pedra, coitadinho. Já pensou?

CECÍLIA: É, o velho indo cagar. Um velho velho!

DONA MARIA: Velho! Velho idoso. Tinha idade de ser nosso avô. É. Tinha idade de ser nosso avô. — Corre, Dita, vem, vamo! Ôi a bunda dele, joga pedra! Joga pedra! [risos] Coitado...

VINICIUS: [Risos] “Vai, Santa, joga pedra.” [risos]

DONA MARIA: Joga pedra! Vamos pegar. Aí, foi, pá! Coitado.

CECÍLIA: Vocês esperava ele abaixar a calça...

DONA MARIA: Esperava! O pior era isso. Já pensou?! Tanta... Jesus amado. Meu Deus, que horror.

VINICIUS: É uma ótima história. Eu sei que não é muito ético...

DONA MARIA: Era demais, demais, hoje eu fico pensando, digo Misericórdia. Ai, se eu visse ele hoje que eu queria pedir tanto perdão.

CECÍLIA: Ah, mas ele já foi...

DONA MARIA: Ah, faz muitos anos... Muitos anos... Mas era assim. Tita era que nem eu. Era danada. Nós duas juntas, sai de perto. Quando eu ia só eu com meus irmãos, tudo bem. Mas quando ia nós duas... Eu e Tita com as meninas... Eu e Tita, era o nome dela era Augusta. E a gente chamava Tita. Quando estava eu e Tita, Santa, Beijo e Joca, misericórdia. A gente punhava fogo. Eu e Tita, dava as ordens mesmo, ou vai ou vai, tem que fazer. Era demais. Era assim a vida da gente, mas foi legal. Aí depois todo mundo cresceu, cada um, as meninas de Tia Rita foram se empregar, também foram empregadas domésticas. Também babá. A Laíla foi trabalhar na casa do enfermeiro, chamava Horácio, lá mesmo na usina. E Tita foi trabalhar também na casa de um senhor que era da usina, um funcionário de alta patente, chamado Mestre Kinka. Não sei como era o nome dele, só sei que a gente chamava ele de Mestre Kinka. Era um homem respeitado, a gente chamava ele de Mestre Kinka porque era, né? Porque naquele tempo, mesmo que não fosse doutor, foi rico era Doutor Fulano.

CECÍLIA: Até hoje tem um pouquinho isso.

DONA MARIA: É, doutor fulano, doutor américo. Se o mestre Kinka tinha um cargo bem grande na usina, um cargo alto, aí era o Mestre Kinka. Respeito. Era assim. Olha, o Dr Armando, o meu patrão, quando a gente via ele, se a gente tivesse sentado, a gente ficava em pé. E era para ficar. E de mão para trás. Quando ele viajava, quando ele viajava nos Estados Unidos, ou para Lajeiro, para qualquer lugar. Aí quando ele chegava, aí ela ligava para a governanta, para a madrinha Camila. Então a gente fazia tudo o que tinha que fazer para esperar. Tudo com uniforme, uniformizado. A gente tudo com uniformizado, sim, e tudo de mão pra trás, era pra ele passar, aí ele passava na frente, fazia um corredor e ele passava, era assim. Era demais.

CECÍLIA: Você quer tomar um café?

DONA MARIA: Sim, eu faço um café!

VINICIUS: Só para... Tem um longo caminho.

DONA MARIA: Ainda tem outra coisa que eu ia falar.

CECÍLIA: Pode falar!

VINICIUS: Por favor.

CECÍLIA: Ai, vó, que engraçado, que legal...

DONA MARIA: Ah, do cinema! Eu era arrumadeira. Eu era arrumadeira, arrumava nessa época, eu ainda não era cozinheira, eu era arrumadeira. Então, toda semana ia os químicos, ia doutor Saldanha, doutor José Morato, doutor Reymar, ia ver as peças da usina. Aí quando foi o dia, a dona Maria José foi ver um filme, ela gostou muito do filme e comprou os bilhetes para a gente. Aí pronto, a gente terminamos de fazer a janta, arrumemos tudo e o motorista levou nós no cinema, no São Luís. Quando estava lá, o filme bom. Eu queria tanto me lembrar do ator daquele filme. Ai, meu Deus do céu, até esse rapaz era magro, o filho dele. Eu não estou lembrada, depois eu falo. Aí, quando eu estava no meio do filme, olhando, aí — Eu fui à sala, eu arrumei os quartos de todos os hóspedes e esqueci do quarto do Dr José Morato, eu esqueci de tirar a colcha, era para tirar a colcha, dobrar a colcha numa cadeira, e na mesinha de travesseira, colocar uma garrafa de água gelada com copo. Eu esqueci. Era tanto, só isso. Esqueci de fazer isso. Um copo d'água e uma colcha. Era para tirar. Esqueci de tirar a colcha e esqueci de levar a garrafa. Não fiz o quarto dele. E a gente foi para o cinema. Quando a gente tava lá tudo, passando aquele filme legal pra caramba, aí eu só vi uma pessoa assim, ó, com aquela lanterna!

CECÍLIA e VINICIUS: Nossa...

DONA MARIA: Com a lanterna. Aí pronto, aí mirou bem na minha cara. Quando ele mirou bem na minha cara, era o guarda. Quando ele mirou na minha cara, minha cara, mesmo em mim, aí ele foi direto, porque tem as passagens, né? Aí ele foi e falou assim, a dona Maria José mandou lhe chamar, o seu caboclo tá aí no portão esperando você, o rapaz. Aí eu, ave Maria, que vergonha, meu Deus, eu saí de dentro do cinema na frente e o guarda com a lanterna atrás. Eu parecia uma presa.

CECÍLIA: É, foi buscar você como se fosse...

DONA MARIA: Uma presa, uma ladrona. Mas eu quase morri de vergonha, muita vergonha. Aí ele me levou na casa da dela, chegou lá, aí ela tava na sala, descarada, velha safada, só que nós não podia falar para ela, né, daí dentro do meu coração falava safada, velha cachorra, bruxa, queria tanto que o diabo carregasse a Dona Maria José essa semana. No coração, né? Se eu falasse alto, eu ficava sem a língua, com certeza.

CECÍLIA: Mas que maldade, tirar você no meio do filme, desse jeito, por causa de uma colcha e uma garrafa de água.

DONA MARIA: Eu saí dali parecendo... Não tinha diferença, parecia uma ladrona. Só faltou mesmo sair algemada. Aí eu fiz a cama. Aí ela falou, agora Luiz vai levar você de volta. Eu falei, não, eu não quero ir mais. Luiz era o motorista. Quando eu entrei — você esqueceu de fazer a cama do Dr. José Morato? — Falei, ai meu Deus, eu esqueci, dona Maria José, me desculpe, me perdoe — Vai fazer agora. Aí eu fui lá, né, fui na cozinha, peguei a garrafa, tudo, no meio tirei a colcha, dobrei. E depois que eu fazia, ia para lá falar para ela que já tinha feito. Lá na sala onde tava... Era estudo. — Ai, tá bom, agora você pode ir. Luiz, leva a Socorro no cinema. — Eu falei, não, eu não vou mais. Aí eu usei minha

malcriação. Falei, não, eu não vou mais. Não vou mais. — Ai, por que? Vai! — Não, não senhora. Eu não vou não.

CECÍLIA: Porque eu sou gente! E quem é gente não gosta de sair do meio do filme pra voltar no final. Quem que faz isso?

DONA MARIA: Era, era assim.

CECÍLIA: Ai, vó...

DONA MARIA: Era assim a vida da gente, mas...

CECÍLIA: Isso é porque eles eram bons, né?

DONA MARIA: Isso é porque eles eram bons. Vixe, era. Eu só queria me lembrar o nome desse ator... O pai dele morreu, ele é magro. Ele fez um tratamento.

CECÍLIA: Não sei, um ator magro cujo pai morreu?

DONA MARIA: Sim, ele tinha...

VINICIUS: Vou desligar aqui, tudo bem? E aí eu posso procurar no meu celular.